
RUBEM
FONSECA
Histórias
Curtas

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

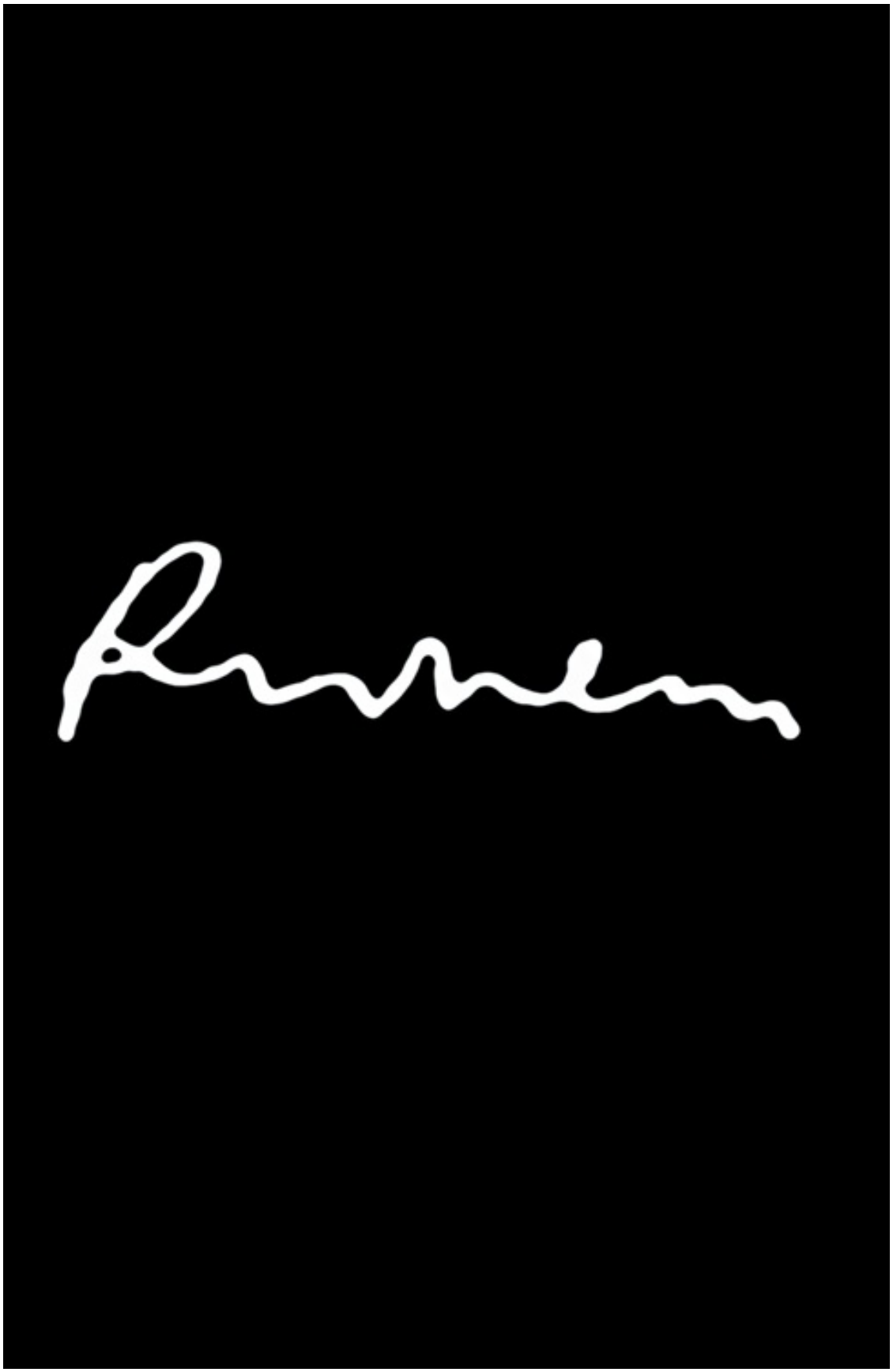
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

RUBEM
FONSECA



2015 HISTÓRIAS CURTAS







HISTÓRIAS CURTAS

Rubem Fonseca

Copyright © 2015 by Rubem Fonseca

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 21042-235
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

F747

Fonseca, Rubem, 1925-
Histórias curtas / Rubem Fonseca. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2015.

ISBN 978-85-209-2392-4
1. Conto brasileiro. I. Título.

15-20634

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

SUMÁRIO

A luta contra o preconceito racial
Coma
Devaneio
Eles
O peido
Incorpóreo
Humilhação
A preferida
O pudico
Netinho querido
Viver
O amputado
O mundo é nosso!
Jardim de flores
O reencontro
A noviça
Televisão
Andar é preciso
Bola ou búrica?
Cem anos
Regime
Olhares e sussurros
Animal de estimação
O roedor de ossos
Justiça
Atração
Suzy
Quem vê cara não vê coração
O brinco de pérola

O colecionador

O que há em um nome?

Condição insólita

Deus e o diabo

Folie à deux

Ouvir

Um bom trabalho

Hóstias

Fazer as pessoas rirem e se sentirem felizes

A LUTA CONTRA O PRECONCEITO RACIAL

Decidi que iria lutar contra essa falsa noção de que existem raças superiores. Os defensores dessa ideia acreditam que ela é uma teoria científica comprovada. Essa crença tem sido usada para toda sorte de barbaridades, escravidão, exclusão, carnificinas.

Mas o que eu podia fazer? Pensei em comprar uma metralhadora para matar racista, mas não sabia onde comprar uma metralhadora. Pensei em uma porção de coisas tolas e insensatas, mas afinal tive uma boa ideia: pichar as paredes da cidade com a frase ABAIXO O RACISMO.

Comprei várias latas de tinta, preta e vermelha, e vários pincéis. Eu tinha que escolher uma parede em que a pichação tivesse grande visibilidade, que captasse a atenção de todos os transeuntes.

Andei pela cidade procurando a melhor parede, a mais ostensiva, e quando a encontrei iniciei imediatamente o meu trabalho. Escrevi, contente, mais do que contente, feliz, muito feliz, a frase ABAIXO O RACISMO duas vezes, uma com tinta vermelha e outra com tinta preta.

Senti o meu braço sendo agarrado com força. Era um policial fardado, que disse:

"O senhor está preso."

Fui colocado numa viatura e levado para um distrito policial. Lá chegando, o

delegado, depois de ouvir o guarda que me detivera, me informou:

"O senhor infringiu a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. O artigo 65 diz que quem pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano está sujeito à pena de detenção de três meses a um ano e multa. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, como é o seu caso, que estava pichando o monumento aos heróis brasileiros na guerra mundial, a pena é de seis meses a um ano de detenção e multa."

Resumindo o drama: um juiz me condenou a seis meses de detenção e a pagar uma multa. Mas eu paguei a multa e como tinha um bom advogado não fiquei detido um dia sequer. Já falei que o meu pai é rico? Mas ele e meu irmão só vivem pensando em remédios, só me procuram para perguntar se estou tomando os remédios, eles deviam pensar no preconceito racial, mas não querem nem saber.

Fiquei imaginando uma maneira de lutar contra esse tipo de discriminação. Afinal descobri.

A primeira que escolhi foi uma negra. Negra mesmo, retinta, lustrosa. O nome dela era Jenny. Namorei um tempo, falei frases de amor — as mulheres adoram ouvir o homem dizer eu te amo, sonho com você todas as noites, baboseiras desse tipo — e ela acabou indo para a cama comigo. Era virgem e tinha 25 anos.

Exultei quando Jenny ficou grávida. Durante os nove meses dei todo o apoio de que ela precisava. Afinal nasceu a criança, era um menino, bem mulato, cor da pele, tipo de cabelo, formato do nariz. Uma felicidade. Jenny quis que ele fosse registrado como Genilson.

Eu ia a toda parte com Jenny e Genilson, o menino num carrinho-berço, que eu mesmo empurrava. Quando cruzava com um transeunte eu dizia "é meu filho". Mas isso era pouco. Coloquei em volta do carrinho do bebê uma faixa onde se lia: ABAIXO O PRECONCEITO RACIAL.

Não sei se já disse que o meu pai é um homem muito rico, viúvo, com dois filhos, eu e o Gumercindo. Portanto, eu tinha condições econômicas de fazer uma proposta a Jenny.

"Jenny, vai morar aqui com a gente uma outra mulher, com quem também vou ter um filho. Não se preocupe, vou depositar na conta que abri no banco para você esta quantia." Mostrei um papel com a cifra.

"Todo mês?"

"Todo mês."

Não foi fácil conseguir a índia. Claro que procurei em várias tribos. Acabei achando a minha índia, mas paguei caro por ela. (Não quero falar sobre isso.) O seu nome era Abayomi.

Abayomi e Jenny se deram muito bem. Eu dormia com as duas na mesma cama. (Não quero falar sobre isso.)

Afinal, Abayomi ficou grávida. E teve uma menina. Foi registrada com o nome de Diaurum.

Comprei um carrinho de bebê com dois lugares e saía todos os dias empurrando dois carrinhos, um deles transportava um cartaz dizendo TENHO UM FILHO DE UMA MULHER NEGRA E UMA FILHA DE UMA MULHER ÍNDIA. ABAIXO O PRECONCEITO RACIAL.

Eu estava muito feliz, ainda que um pouco cansado de passar todas as manhãs empurrando o carrinho dos bebês e o do cartaz, que era pesado. Mas o cansaço não me impedia de dizer, a todas as pessoas que passavam, "são meus filhos e uma das mães é negra e a outra é índia, abaixo o preconceito racial".

Um dia, porém, uma ambulância parou ao meu lado e de dentro dela saltaram dois enfermeiros que me pegaram pelo braço, dizendo "venha conosco, não se preocupe com as crianças, venha".

Dentro da ambulância começaram a me dar injeções que me fizeram ficar completamente abestalhado. Estou internado num hospital psiquiátrico. Fico isolado num quarto, tomando remédios. Às vezes um sujeito que diz que é meu irmão me visita e conta que tive um surto psicótico, mas que vou ficar bom.

Neste momento estou deitado, de olhos fechados, mas não estou dormindo. Ouvi a conversa dos dois médicos que estavam no meu quarto.

"Ele está apresentando sintomas de depressão. Creio que deveríamos usar a eletroconvulsoterapia", observou um deles.

"Boa ideia", concordou o outro, "vamos começar o tratamento amanhã".

Eu quero ficar bom e ir para casa. Eu tenho uma coisa para fazer. O que mesmo?

COMA

Abri os olhos e vi um sujeito de avental branco.

“Bem-vindo”, disse ele.

Olhei em volta.

“Onde é que eu estou?”

“Hospital Santa Margarida. Eu sou enfermeiro.”

“Hospital?”

“O senhor está aqui há dois meses. Em coma. Mas não se preocupe. É do governo. O senhor não vai pagar nada.”

“Em coma?”

“Dois tiros no peito. Não sei como, não... Deve ter sido assalto. Sorte, o senhor teve muita sorte.”

Fiquei tentando lembrar o que teria acontecido.

“Vou medir a sua pressão”, disse ele, colocando um troço no meu braço.

Depois de algum tempo informou:

“Treze por nove, ótimo. Agora vou lhe dar uma pílula.”

Às vezes mudava de enfermeiro, mas o cara sempre colocava um troço no meu braço.

Um dia um deles me disse:

“O policial de plantão quer falar com o senhor. Quer saber como foi o assalto.”

O policial era um sujeito gordo. Entrou limpando o suor do rosto com um lenço.

"Esse hospital é uma merda. Obriga a gente a trabalhar de paletó e gravata. Puta que pariu!"

Sentou-se numa cadeira ao lado da minha cama.

"Meu nome é Aristides. O seu é José Silva, eu sei. Seu José, conte como foi o assalto."

A história saiu tão depressa que pareceu verdade.

"O cara se aproximou e disse para eu passar a grana. Eu guardo a carteira no bolso de trás da calça, e quando fiz um movimento para tirar a carteira ele atirou."

"Como ele era?"

"Não me lembro bem. Era de noite. Com os tiros eu desmaiei."

"Ele levou a sua carteira. Eu gostaria de ver a sua identidade."

"Eu tenho uma cópia, acho que tenho, na minha casa. Quando eu sair daqui vou lá, pego e trago pro senhor ver."

"Beleza. Cacete, que calor mais filha da puta! E esse hospital não tem ar-condicionado. Este país vai de mal a pior."

Fiquei mais alguns dias. Ouvi de um dos enfermeiros:

"O senhor é um cagão, não sei como não bateu as botas."

"O seu colega já me disse isso."

Aquele hospital era mesmo uma merda, os enfermeiros, a cama, o calor. Ainda por cima era verão.

Saí do hospital e fui direto para casa.

Olhei meu peito. Uma cicatriz fodida.

Peguei a ferramenta na gaveta.

Fui na casa do filho da puta.

Subi dois andares e bati na porta.

Ele mesmo abriu. Quando me viu arregalou os olhos.

“Você?”, balbuciou.

“Em carne e osso”, respondi, empurrando a porta e entrando na sala.

“Cadê a sua mulher?”, perguntei.

“Ela me deixou, aquela puta. Eu sei que você comia ela.”

“Alguém encomendou o serviço?”

“Eu mesmo encomendei o serviço, está pensando que sou corno manso? Tira a ferramenta da minha cara, porra!”

“A tua pontaria é uma merda”, eu disse, dando um tiro bem no meio dos cornos dele. Eu sabia que o puto estava morto, mas mesmo assim fiz outro rombo na cabeça dele. Dois tiros pra ficarmos quites.

Saí.

Onde estaria a mulher dele? Eu gostava dela.

DEVANEIO

Os professores me chamavam de estrábico. Mas os meus colegas da escola me chamavam — pelas costas, é claro — de caolho, zarolho, mirolho.

Certa ocasião eu fui falar com uma garota e ela olhou para mim e caiu na gargalhada. Sofri muito com aquilo. E passei a andar à sorrelfa, para que não percebessem o meu defeito. Nunca mais olhei o meu rosto num espelho. Fazia a barba no chuveiro, o que aliás era uma boa ideia, água quente — eu tomo banho com a água fervendo — amacia os pelos do rosto e a raspagem é fácil e perfeita.

Fui ao oftalmologista, o doutor Cobra. O nome dele era Cobra. Não estou inventando. E qual o problema do sujeito se chamar Cobra? Não tem gente que se chama Barata, Leitão, Pinto, Camarão, Aranha, Carneiro, Café? Eu podia arrolar aqui dezenas de nomes estranhos. Ele me examinou longamente e disse:

"O seu caso é raro, a sua síndrome é dificilmente encontrada em outra pessoa. E não tem cura."

"E uma cirurgia, doutor?"

"Qualquer cirurgia deixaria você irremediavelmente cego."

"E o que o senhor me aconselha para diminuir esse meu sofrimento?"

"Usar óculos escuros. Bem escuros. Assim ninguém percebe a sua anomalia ótica."

Nesta mesma ocasião os meus pais faleceram, num desastre de automóvel.

Meu pai, que também era estrábico, estava dirigindo.

"O estrabismo", o doutor Cobra me disse, "não é genético, você e o seu pai sofrerem do mesmo problema é uma mera coincidência".

Herdei dos meus pais bens suficientes para uma vida inteira.

Comprei os óculos escuros, saí da escola, nunca mais procurei o doutor Cobra.

Eu não tirava os óculos escuros para nada. À noite, quando ia dormir, apagava a luz e colocava os óculos na mesinha de cabeceira. Eu tinha oito pares de óculos, não queria correr o risco de ficar sem um deles. Eu nunca mais, repito, nunca mais olhei o meu rosto no espelho sem os óculos.

Eu gostava de andar pelo parque, próximo da minha casa, e costumava sentar-me num dos bancos para ficar olhando as pessoas passarem. Confesso que os óculos estavam me fazendo bem, eu já não via mais as coisas como antes, de maneira distorcida.

Entre os transeuntes da praça um chamava a minha atenção. Era uma jovem muito bonita, elegante, a quem eu contemplava, sem que ela percebesse, pois os óculos escuros o permitiam.

Chegando em casa ficava pensando nela, principalmente ao deitar. Eu a via com nitidez caminhando pela praça, e quando o sono me dominava eu sonhava com ela.

Um dia eu estava sentado no banco quando vi, feliz, ela se aproximando.

Para minha surpresa ela se sentou ao meu lado.

"Nós sempre nos encontramos e nunca nos falamos. O meu nome é Helena."

Disse isso estendo a mão para mim.

Eu a cumprimentei dizendo:

"O meu é José, mas os meus pais me chamavam de Zé."

"Então também vou chamá-lo de Zé. Posso?"

"Claro."

"Felizmente o sol já se pôs. Eu adoro o pôr do sol, você também? E quando vai tirar esses óculos escuros?"

Fiquei trêmulo, escondi as mãos enfiando-as no bolso.

“Tenho que ir embora, lembrei agora que estou atrasado para um encontro importante.”

Saí apressado, creio mesmo que corri esbaforido.

Nunca mais fui passear na praça.

Passaram-se uns meses, e um dia eu estava tomando um cafezinho — confesso que sou um viciado em café, o meu único vício —, quando senti um toque no meu ombro.

Era Helena.

“Você sumiu. Tenho ido todos os dias à praça para ver se o encontro, mas não tenho tido esse prazer. Pensei que você gostasse de mim.”

“Eu gosto... muito...”, gaguejei.

“E por que desapareceu? Isso me deixou muito triste.”

Criei coragem e decidi falar a verdade.

“Por quê? Por quê? Por isso!”

Tirei os óculos e olhei Helena de frente.

“Você tem olhos lindos.”

Ela devia estar escarnecendo, nada se iguala à maldade das mulheres!

Havia vários espelhos no botequim. Olhei num deles. O meu estrabismo desaparecera! Se eu fosse uma pessoa religiosa acreditaria num milagre.

Bem, devo confessar que nada disso ocorreu. Foi mais um sonho. Eu encontrar a moça na praça foi um sonho. E qual é o problema?

O sonho, para a ciência, é uma experiência de imaginação do inconsciente durante nosso período de sono. Em diversas tradições culturais e religiosas, o sonho aparece revestido de poderes premonitórios ou até mesmo de uma expansão da consciência.

Aquele sonho era um presságio? Iria ocorrer o que eu sonhei?

ELES

Agora meu nome é José João. Ando pelas ruas, procurando. Sim, fugindo também. Não vou dizer o que estou procurando, nem de quem estou fugindo. Só posso dizer que procurei nas ourivesarias, na loja de bolsas, nas latrinas, nos parques, nos carros estacionados nas ruas, nas cestas de mercadorias dos supermercados, nos carrinhos de pipoca.

Encontrarei o que procuro?

Eles que me procuram encontrarão?

Às vezes sinto como se estivesse desmoronando. Fico um tempo desmantelado, sentado num banco da praça. As praças existem para isso. Bancos e estátuas e plantas. Árvores. Procurei nos galhos. Nem passarinho encontrei.

Sentado na praça? Eu devia estar maluco, na praça eles me achariam, eles não desistem, eles com aquela roupa branca parecem uns fantasmas.

Eu gostaria de poder me esconder na casa de um dos meus parentes, mas os parentes nem mesmo me visitavam, como iam ceder a casa para eu me esconder?

Eu corria perigo. Estúpido, andando na calçada de uma rua larga. Eu tinha que estar escondido num arbusto, aqueles com seis metros de altura. Mas na rua, na rua! Na rua eu corria perigo.

O carro parou perto de mim.

Saltaram dois homens, eles, eles, eles, com aquela roupa branca. Eles nunca

tiram aquela roupa branca.

Um deles me segurou pelo braço. Eles têm uma maneira de segurar você pelo braço que não machuca, mas, se você quer se soltar, não consegue.

"Vamos, senhor Antonio, vamos."

"Meu nome não é Antonio, é José João."

"Sim, senhor José João. Vamos, por favor, vamos para o hospital."

Ele me segurava pelo braço daquela maneira. Não adiantava eu querer me soltar.

Acho que me deram a injeção dentro do carro.

Eles vivem me dando injeções.

Estou na cama, com aquela camisola que deixa a minha bunda de fora.

Um deles entrou no quarto.

"Está na hora da sua injeção."

O PEIDO

Sei que peido é um tabuísmo, *id est*, palavra, locução ou acepção tabus, consideradas chulas, grosseiras ou ofensivas demais na maioria dos contextos. Mas vou chamar de quê? Flato? Flatulência é ar ou gás expelido através de qualquer orifício do corpo. Ou seja, o arroto é uma flatulência.

No clássico *A arte de dar peidos*, publicado pela primeira vez em 1751, Pierre-Thomas-Nicolas Hurtaut explica coisas como a diferença entre o peido e o arroto.

> O peido sai pelo ânus, no que difere do arroto, que, apesar de formado de matéria idêntica, mas no estômago, escapa pelo alto, devido à proximidade de saída, ou porque a dureza e a repleção do ventre, ou quaisquer outras causas, não lhe permitem dirigir-se para as vias inferiores.

Hurtaut fala ainda de ventosidades coliquativas, do murmúrio e do burburinho do ventre, um texto complicado. Ele diz amar o peido, cuja causa final pode ser a saúde do corpo desejada pela natureza ou um deleite proporcionado pela arte, a arte de peidar, evidentemente.

Não participo do grupo que acredita que peidar é uma arte. Mas confesso que gosto de peidar. Sempre gostei. E os mais odoríferos, os que exalam um cheiro

mais agradável, são os noturnos, quando estou deitado: eu fruo com um prazer inebriante o aroma, a fragrância que se exala de dentro do lençol.

Não há quem não ame o perfume do próprio peido. Mas todos odeiam o das outras pessoas, acham-no de um fedor desagradável, insuportável mesmo. Até o dos respectivos consortes, com quem invariavelmente dividem o mesmo lençol. Isso é uma irrefutável prova do nosso egoísmo: o que é nosso é sempre bom, pode ser um peido ou uma xícara de café; o que é dos outros é sempre ruim, pode ser um peido ou uma xícara de café.

INCORPÓREO

Ser milionário tem as suas vantagens. A principal é poder satisfazer seus desejos, suas aspirações, suas vontades. Sou um milionário, não pertenço à *petite bourgeoisie*, classe social que, segundo Karl Marx e os teóricos marxistas, incluía comerciantes e profissionais liberais. A pequena burguesia é diferente da classe capitalista. E a classe capitalista tem vários níveis. Pertenço ao nível mais elevado da classe capitalista, tenho tudo, posso comprar tudo.

Eu estava pensando nessa minha capacidade quando o doutor Everaldo apareceu. Como sempre ele tinha aquilo em volta do pescoço — nunca me lembro do nome dessa coisa.

"Tudo bem?", ele perguntou.

"Tudo bem", respondi. "Estou pensando em comprar uma pirâmide."

"Pirâmide?"

"Sim, uma pirâmide. Daquelas que tem no Egito. Um daqueles monumentos de alvenaria, com uma base quadrada e quatro faces retangulares que convergem para um vértice."

"Interessante", disse o doutor Everaldo.

"Algumas pirâmides têm os vértices forjados em ouro."

"Interessante", disse o doutor Everaldo.

"Devido ao alto grau de complexidade arquitetônica, aos esforços empregados

em suas construções, e a sua notável beleza, as pirâmides são culturalmente associadas ao misticismo, sendo a fonte de muitas hipóteses e lendas acerca dos mistérios de sua construção e sua finalidade."

"Interessante", disse o doutor Everaldo.

"As pirâmides têm uma estrutura subterrânea complexa, composta de corredores e salas. A sala funerária é escavada no solo. Depois da vigésima dinastia, as pirâmides entraram na sua fase clássica com a construção da ampla necrópole de Gizé. Primeiramente, os egípcios escavavam um enorme complexo subterrâneo e depois construíam a gigante estrutura exterior da pirâmide. Li isso num livro sobre o Egito e decorei. Tenho uma memória muito boa."

"Interessante", disse o doutor Everaldo.

"A pirâmide que eu vou comprar é essa de Gizé."

"Interessante", disse o doutor Everaldo.

"A palavra 'pirâmide' não vem da língua egípcia. Formou-se a partir do grego: *pyra*, que quer dizer fogo, luz, símbolo, e *midos*, que significa medidas."

"Interessante", disse o doutor Everaldo.

"Eu tenho esta foto da pirâmide de Gizé."

"Interessante", disse o doutor Everaldo.

"Para os egípcios, a pirâmide representava os raios do Sol, brilhando em direção à Terra. Todas as pirâmides do Egito foram construídas na margem oeste do Nilo, na direção do sol poente. Os egípcios acreditavam que, enterrando seu rei numa pirâmide, ele se elevaria e se juntaria ao Sol, tomando o seu lugar de direito com os deuses."

"Interessante", disse o doutor Everaldo.

"As pirâmides..."

"Depois o senhor pode me dar mais informações sobre as pirâmides. Agora está na hora do seu tratamento. Quero lhe dizer uma coisa: eu gostaria de ter uma memória boa como a sua. Está na hora do senhor tomar os seus remédios."

O doutor Everaldo sempre me dava remédios, lembro de alguns nomes, Haldol, Rohypnol, Prometazina... Eu gostava desses remédios.

Depois, o doutor Everaldo me colocou numa cama, mediu minha pressão cardíaca, me anestesiou com Brevital. Em seguida colocou uns fios e uma chapa na minha cabeça e enfiou na minha boca um pequeno rolo de plástico para eu morder na hora do choque. Então iniciou o estímulo elétrico. Eu fazia isso duas vezes por mês.

Depois eu me sentia muito bem, como se tivesse tomado sorvete de manga. Eu adoro sorvete de manga.

HUMILHAÇÃO

Você já foi humilhada? Menosprezada? Desdenhada? Aviltada? Eu já, e antigamente ficava pálida, envergonhada, com vontade de morrer. Isso acabou. E vou dizer como. É uma história breve, não vai ocupar o tempo de vocês.

Botei um anúncio no jornal, sabe, naquelas páginas usadas por prostitutas, fregueses, sujeitos em busca de sexo. Todo jornal tem isso, escondido no meio daquelas páginas de pequenas propagandas.

> *Cristina, mulher jovem, esbelta, bonita. Preço razoável. Faz tudo, inclusive coisas que o freguês nem imagina. Vou na casa do interessado. Caixa postal 555.*

Fui na casa do primeiro que respondeu ao meu anúncio. Toquei a campainha. Um sujeito meio calvo, de cabelos grisalhos abriu a porta.

"Sou a Cristina."

"O quê?"

"Sou a Cristina, do anúncio."

Depois que o sobressalto da sua surpresa passou ele disse:

"Você não era jovem, esbelta e bonita? O que estou vendo na minha frente é uma gorda de mais de cem quilos."

“Cento e dez”, corrigi.

“Está achando que eu vou pagar para foder um bagulho como você? Pode dar o fora, baleia.”

Então cravei uma faca no corpo do sujeito. Cravei fundo. Os gordos têm muita força nos braços e usam roupas largas, ótimas para esconder facas ou outras armas.

Ele caiu no chão. Verifiquei que estava morto. Procurei e achei o recorte do meu anúncio, que coloquei no bolso, junto com a faca, que lavei na pia do banheiro. A carteira do sujeito estava cheia de dinheiro. Mas não sou ladra.

Saí e passei na confeitaria. O garçom recebeu-me amavelmente. Garçons sempre gostam muito de mim.

“O de sempre, senhorita? A torta, a caixa de sorvete e os chocolates?”

“Vou querer também um pacote de balas amanteigadas.”

Peguei o embrulho e fui para casa. Comecei comendo a torta, depois os chocolates, depois o sorvete. Chupei as balas enquanto via televisão.

Eu tinha que ficar gorda, muito gorda, não podia ter menos de cem quilos. Era a única maneira de me vingar daqueles que gostavam de humilhar os outros.

Amanhã sai outro anúncio meu no jornal.

A PREFERIDA

Minha mulher Raquel é muito ciumenta. Ela costumava me seguir, disfarçadamente, ou então contratava alguém para fazer isso.

Tenho que tomar muito cuidado quando abraço a minha Preferida. Sinto uma espécie de eflúvio, que vem da terra, que vem do ar, um perfume embriagador.

Minha mulher me perguntou:

"Você não gosta mais de fazer amor comigo, Pedro?"

"Gosto... gosto..."

"Então por que não faz?"

Abraço minha mulher, penso na minha Preferida e consigo cumprir minha obrigação de marido.

Confesso que antes de encontrar a minha Preferida eu era um sujeito promíscuo. Não sei quantas abracei, às escondidas, algumas vezes à noite, sempre tendo o cuidado de não ser visto por ninguém.

Mas tornei-me outra pessoa depois que encontrei a minha Preferida. Quando eu a abraçava, ficava excitado, encostava o meu pênis nela e ejaculava. Isso me criava um problema, ou melhor, dois problemas. Eu tinha que entrar em casa, correr para o banheiro e lavar aquela cueca. Depois, na cama, era um problema com Raquel. Por uma dessas coincidências — quando penso em coincidência vem-me à mente a frase de Einstein "Coincidência é a maneira que Deus

encontrou para permanecer no anonimato", cujo significado nunca entendi direito, mas também nunca compreendi sua fórmula de equivalência massa-energia, $E = mc^2$, a equação mais famosa do mundo. Alguém entende? Uma vez pedi ao meu professor de física, na universidade, que me explicasse aquilo e ele não conseguiu —, mas, como eu ia dizendo, por uma dessas coincidências, em um dos dias que encontrei a minha Preferida, Raquel quis fazer amor comigo.

"Novamente, Pedro? O que está havendo? Você tem outra mulher? Anda, diz a verdade, seu farsante, você anda com outra mulher?"

"Não, Raquel, estou apenas cansado."

"Cansado de ficar sentado no escritório? Você pensa que eu sou alguma idiota?"

Raquel me agarrou pelo pescoço com tanta força que quase desmaiei.

"Se eu pegar você com outra mulher eu... mato os dois, os dois", ameaçou Raquel.

Certa ocasião eu li, não lembro onde, uma frase que dizia que existe um tempo para ousadia e um tempo para cautela, e o homem sábio conhece o momento de cada um deles. Eu me considerava um homem sábio, mas infelizmente estava cada vez mais ousado e menos cauteloso.

Um dia eu estava fazendo sexo com a minha Preferida quando fui surpreendido pelo flash de uma máquina fotográfica. Alguém me agarrou, senti uma pancada na cabeça e desmaiei.

Acordei numa cama de hospital, com os pulsos presos no gradil da cama.

Um sujeito de avental branco entrou no quarto.

"Está na hora da sua injeção", ele disse.

"Injeção? Por que estou preso aqui nesta cama?"

"O senhor sofre de uma doença muito grave. Dendrolatria patológica de terceiro grau."

"Não sofro de doença nenhuma, quero ir embora, solte os meus pulsos, quero ir embora."

"Temos fotos que comprovam o seu comportamento psicopatológico."

“Fotos? Que fotos?”

“O senhor quer ver?”

“Quero, muito.”

Ele tirou do bolso uma foto e me mostrou. Eu estava fazendo amor com a minha Preferida, vestido, mas com o pênis para fora, enfiado nela.

“Desde quando a cópula é um comportamento psicopatológico?”

“Desde que ocorra com uma árvore. O exame de DNA vai provar que os inúmeros vestígios de esperma no caule são de sua autoria.”

A foto continuava na minha mão. A minha Preferida era mesmo uma árvore de caule grosso. Então ocorreu uma revelação arrebatadora: eu sempre fizera sexo com árvores, eu copulava com as árvores.

Antes que eu pudesse raciocinar sobre isso, o médico me aplicou a injeção e perdi os sentidos.

O PUDICO

Eu estava aguardando o início de uma missa de sétimo dia e, sentada ao meu lado, no mesmo banco da igreja, uma mulher olhou para mim, com um olhar judicioso, acintoso mesmo, e perguntou:

"Sabe por que se comemora a missa do sétimo dia? O número 7 na Bíblia significa a perfeição que é Deus, que em 7 dias criou o mundo e descansou. Veja na Bíblia: o luto de Jacó durou 7 dias, Saul foi enterrado e fizeram um jejum de 7 dias, o povo chorou a morte de Judith durante 7 dias, o luto por um morto dura 7 dias."

Pensei: essa mulher é louca? Não, ela não tinha cara de louca, era relativamente jovem, relativamente bonita, relativamente-relativamente.

Levei um susto quando ela me perguntou:

"O senhor está me achando relativamente louca?"

"Por que a senhora pensou nessa palavra, relativamente?"

"Quem pode responder isso é o Albert."

"Albert? Que Albert?"

"Albert Einstein."

Felizmente nesse momento o padre entrou e a missa começou.

Quando a missa acabou a mulher estendeu a mão para mim:

"Meu nome é Denise."

“O meu é Roberto.”

“Eu sou autora e diretora teatral. Minha peça em cartaz intitula-se *A missa de sétimo dia*. Por isso vim assistir a esta missa.”

“Uma peça religiosa?”

“Não, não, é uma peça erótica. O público, mesmo o de teatro, que é frequentado basicamente por velhotas transportadas por vans, só quer saber de peças eróticas. Veja bem, quando digo peça erótica não quero dizer peça pornográfica. O erotismo designa, de modo geral, não apenas um estado de excitação sexual, mas também a exaltação do sexo no âmbito das artes, como na literatura — romance, poesia, teatro — e na pintura, por exemplo. E o senhor? Qual a sua ocupação?”

Quando vai dizer uma mentira você não pode titubear.

“Pintor”, eu disse, sem hesitar.

“Clássico, moderno...”

“Moderno.”

Na rua estava um calor infernal. Mas eu não podia tirar o paletó. Ossos do ofício.

Denise me deu um papel.

“É uma entrada para a peça. Não deixe de ir vê-la. E depois, por favor, vá ao camarim para me dizer o que achou.”

Fui ver a peça. Vou fazer uma pequena descrição.

O palco está todo às escuras quando uma luz é projetada sobre um caixão aberto. Dentro do caixão, deitada, uma mulher, toda vestida de preto, aparentemente morta. É Denise. Uma voz soturna diz:

“Ela ingeriu uma substância, Ketamina, que faz a pessoa parecer morta. Mas está viva.”

A luz apaga. Palco às escuras.

Novamente um facho de luz sobre o caixão. A falsa morta levanta, ouve-se uma música. A mulher dança e vai tirando a roupa, devagar, até ficar

completamente nua.

Então entra um padre que também começa a dançar e a tirar a roupa. Ambos estão nus. O padre pega o caixão e como que num passe de mágica transforma-o em uma espécie de cama. Os dois deitam-se e começam a ter relações sexuais. A luz foca sobre detalhes da cópula, até que os dois começam a gritar, não se sabe se de gozo, dor ou medo, e a luz se apaga.

Um cortinado preto cobre a boca de cena. Nele está escrito FIM.

O público aplaudiu. Creio que as pessoas que vão ao teatro querem aplaudir, manifestar agrado, não importando o que lhes é exibido.

Fui ao camarim.

Denise estava cercada de admiradores, que lhe pediam autógrafos e tiravam fotos com os aparelhos celulares.

Quando me viu, ela se livrou dos fãs e pegou-me pelo braço, dizendo:

"Vou levá-lo a um lugar que vai lhe agradar muito. Espere uma meia hora apenas, por favor."

Esperei.

Denise se vestiu.

"Vamos à Swing König. É uma boate para casais e solteiros interessados em diversão adulta. Trata-se de um novo conceito de diversão. Onde pessoas aproveitam a noite em um ambiente descontraído, agradável e sensual."

Para entrar na Swing König a pessoa era levada a um vestiário onde tirava toda a roupa.

"Na sala principal só se entra nu", disse Denise.

Confesso que me desnudei sentindo vergonha. Deve ser devido à minha profissão.

"Vamos fazer um trato. Você pode permitir que lhe façam felácio ou pode fazer cunilíngua em quem quiser. Eu também tenho a mesma liberdade. Mas *introductio penis intra vas* só entre nós. De acordo?"

Ela foi entrando na sala principal, uma sala escura, cheia de gente nua.

Quando a minha vista se acostumou consegui perceber que a maioria das pessoas era gorda. Uma dessas tentou me abraçar, mas me esquivei.

Saí da sala principal e fui ao vestiário.

“Devo alguma coisa?”, perguntei.

“Não, a sua senhora pagou tudo.”

Eu temia que Denise fosse me achar um pudico, mas na verdade eu me envergonho facilmente. Acho que é da minha profissão.

Eu menti. Não sou pintor. Adquiro os meus bens de maneira fraudulenta, em suma, sou um ladrão.

Nesses assuntos de sexo, os ladrões são muito tímidos.

Felizmente Denise não tinha o meu endereço. Sentiria vergonha se ela soubesse que eu era tão pudico.

NETINHO QUERIDO

Meu netinho querido, sabe por que o mundo antigamente era melhor? Sou um velho ranzinza e gosto de fazer afirmações que certas pessoas consideram infundadas. Mas uma coisa é certa: o mundo antigo era melhor porque havia apenas ricos e pobres, só duas categorias. E sabe o que aconteceu? Os pobres, lentamente, foram deixando de ser tão pobres. E isso acabou por influenciar o comércio, os comerciantes passaram a fazer coisas para os pobres, umas porcarias, é claro. E pobre gosta de fazer filhos, mas antes, graças a Deus, eles morriam de doenças. Quando os pobres passaram a ter dinheiro para cuidar dos filhos, pagando médicos e dando-lhes de comer melhor, essa praga dos filhos foi aumentando. Por que a população do mundo chegou a esse nível catastrófico? São os pobres fazendo filhos. E o comércio mudou, como todo pobre é estúpido, os comerciantes inventaram os supermercados, prateleiras e mais prateleiras exibindo todo tipo de mercadoria, e o imbecil do pobre que vai comprar uma mercadoria acaba comprando um monte de coisas inúteis. Os pobres passaram a usar a televisão paga, mas como não conseguem ler as legendas, a maioria dos filmes está sendo dublada, em pouco tempo só vai ter filme dublado. E quando ganha algum dinheiro, o pobre compra carro, e as empresas vendem esses veículos de quinta categoria em mais de cinquenta prestações. É por isso que as ruas estão todas congestionadas. Pobre quer ser chique, e se ganha um pouco

mais vai morar na Barra, num daqueles monstrengos de trinta andares. Repito: sou um velho muito ranzinza, mas qual é o velho que não é rabugento? Voltando ao assunto: garanto que essa academia onde você faz exercícios com pesos diariamente também está sendo invadida por esses social climbers. Sei que estou misturando os assuntos, mas, meu netinho querido, todo resumo é assim, uma exposição breve de um fato em que apenas os aspectos mais relevantes são apresentados. E o pior é que à medida que os pobres melhoraram de condição econômica, os ricos se tornaram pessoas piores. Para se distanciar desses parvenus os ricos resolveram ter mais e mais dinheiro, se tornaram mesquinhos e gananciosos. Mais um efeito negativo da melhoria de vida dos pobres: ela agravou a maldade dos ricos. E se algum desses pobres fica rico, seja lá por que motivo for, ele fica ainda pior que o mais ruim dos ricos. Por isso, meu netinho querido, você é o meu único herdeiro e quando eu morrer não quero que corra o risco de ficar corrompido de maneira inevitável e maléfica pela riqueza, por isso, repito, para salvar o meu netinho querido, vou doar toda a minha fortuna para instituições de caridade. Você vai ficar pobre, mas vai ter a sua casa, vai ser um pobre que já foi rico e que sabe que a riqueza nada significa. Um pobre feliz. Que é isso? Meu netinho, larga o meu pescoço, você está apertando com muita força, me sufocando, estou sem ar, ai... ai... estou...

VIVER

Estávamos tomando chope no boteco quando alguém disse que alguém dissera que um filósofo tinha dito que viver era perigoso. Todo mundo sabe que filósofo só diz besteira e o assunto não foi pra frente, ainda assim alguém disse que perigoso mesmo era comer manga e beber cachaça.

Então nesse dia eu estava andando na rua, uma dessas ruas cheias de arranha-céus, quando algo passou rente ao meu nariz e estrondou na calçada. Olhei e vi um sujeito gordo estatelado no chão. O puto tinha se jogado da janela e quase fodeu comigo. Mais um centímetro e o gordo caía sobre a minha cabeça e eu ia pro beleléu.

Juntou gente, uma mulher saiu do prédio gritando:

"Jonas! Jonas!"

Esse devia ser o nome do cara chapado no chão. Eu me afastei. Aquele corpo passar como um foguete rente ao meu nariz me deixou perturbado.

Alguém o cobriu com um lençol. Havia gente em volta chorando, rezando. Pra mim chega, pensei, me afastando.

Fui andando, atravessei a rua e ouvi um som estridente, era um carro freando quase em cima de mim.

"Olha o sinal, cretino", gritou o motorista. "Quer morrer?"

Essa merda toda aconteceu no mesmo dia. Mas tem mais.

Eu moro no quarto andar de um prédio sem elevador. Quando cheguei em casa comecei a subir a escada e estava no meio do meu trajeto quando escorreguei, eu, que tenho o equilíbrio de um trapezista de circo, e rolei escada abaixo.

Acordei no pronto-socorro.

"O senhor teve sorte, rolou todos aqueles andares e só quebrou um braço, o esquerdo. O senhor não é canhoto é?", perguntou uma enfermeira feia. Enfermeira não pode ser feia, tem que ser bonita.

"Não, não sou canhoto."

"Então a coisa podia ser pior."

"Mas como fui escorregar? Subo aquela escada várias vezes por dia, carregando sacas, nunca caí. O que foi que aconteceu?"

"Uma casca de banana."

"Uma casca de banana? Impossível, eu subo olhando para os degraus, veria uma casca de banana."

"Vai ver o senhor estava distraído", disse a enfermeira bagulho.

Eu tinha certeza de que não havia nenhuma casca de banana na escada, mas decidi não discutir mais com a enfermeira.

Saí com o braço esquerdo numa tipoia.

Voltei para casa e subi a escada lentamente, olhando os degraus, olhando as paredes, o teto. Só faltava aparecer um morcego no teto, eu morro de medo de morcego, dos que chupam sangue e também dos que comem banana.

Naquela noite, não obstante os acontecimentos, ou talvez por isso mesmo, fui tomar chope no boteco com os meus cupinchas.

Eles não são propriamente amigos. São conhecidos. Robson (não sei seu segundo nome), Walter, Kleber, Jeferson. Não sei o sobrenome de nenhum deles, sei o meu, é claro. Silva.

Contei a eles o que havia acontecido comigo.

"Você está com urucubaca", sentenciou um deles, creio que o Kleber.

"Ziquizira", emendou o Jeferson.

“Isso acontece, faz parte da vida”, disse Walter. Ele é o mais inteligente da turma, mas do que eu é claro que não, mais inteligente do que os outros.

“Escorregar numa casca de banana faz parte da vida? Pirou, Walter?”

“Não, minha cabeça é boa, não piro nunca.”

“Você precisa de uma benzedura. Conheço uma chefe de terreiro, Mãe Zeferina...”

“Isso é besteira, crença sem nenhuma base”, disse Walter.

“Você é metido a saber de tudo”, rebateu Kleber.

“Leia os filósofos”, propôs Walter. “Eles dizem que viver é correr riscos.”

“Riscos? Que riscos?”, perguntou Jeferson.

“Ficar doente, ser atropelado, ter um enfarte ou coisa pior, ficar maluco, tropeçar e quebrar a perna, um gordo pular da janela e cair sobre a sua cabeça, posso ficar horas citando situações perigosas.”

Voltei para casa pensando, então viver é isso? Correr riscos? Perigos?

Fiquei na cama sem conseguir dormir. Viver é uma merda, pensei.

Fui para a cozinha preparar um cafezinho. Quando acendi o gás, o fogão explodiu.

O AMPUTADO

Eu não era muito perspicaz em relação ao meu entorno. Isso começou a mudar quando minha perna foi amputada. Sem perna passei a ver melhor, a entender tudo que havia em volta de mim. Dizem que isso acontece, é normal, quando você perde um sentido os outros ficam mais aguçados, cegos ouvem melhor, mas que diabo tem a perna, que serve para locomoção, a ver com a visão e a inteligência, que ajudam a entender as coisas?

Meu nome é Antonio. Quando perdi a perna perdi o emprego. Eu trabalhava num banco como vigilante. Ficava na agência bancária fingindo que vigiava, mas na verdade não fazia porra nenhuma, ficava dormindo de olho aberto. É muito bom esse truque: você fica aparentemente acordado, um sujeito de olho aberto tem que estar desperto, mas na verdade está dormindo. Um sono leve, se alguém lhe dirige a palavra você acorda imediatamente e diz: Sim?

Perdi a perna bestamente. Atravessei a rua pensativo — eu gosto de ficar pensando — e não vi o caminhão que me atropelou. O sujeito fugiu e eu fiquei estatelado na rua, até que me levaram para o pronto-socorro e amputaram a minha perna. O pronto-socorro tem muito serviço, não há tempo para cuidar de uma perna quebrada, malquebrada. Cortar é mais rápido, mais fácil e mais barato.

O banco me indenizou e me demitiu. Vigilante capenga?

Eu tinha uma namorada. O nome dela era Daiana. Claro que ela era mulata, algum problema? O merda que é racista deve ir para a puta que o pariu. Daiana trabalhava com computadores. Não sei por que gostou de mim. Ela ganhava muito bem e eu era um pé-rapado. Talvez por eu ter um corpo de atleta e ser louro. (Caralho, essa observação tem um ranço preconceituoso.) Mas sem perna ela ia me mandar para corner.

Quando acordei da anestesia no pronto-socorro vi Daiana no quarto. Ela segurava a minha mão.

"Cortaram a sua perna", ela disse, "mas eu continuo te amando".

Eu só não chorei emocionado porque macho não chora, conforme o meu pai dizia desde que eu era criancinha.

Do hospital fui direto para a casa dela.

Daiana morava num apartamento confortável. A sala era cheia de computadores.

"Você sabe usar o computador?"

Eu não sabia.

"Eu te ensino", ela disse.

Em pouco tempo eu aprendi a usar todo tipo de computador. Qual a razão? A perna amputada. A remoção cirúrgica da perna me tornara mais, muito mais inteligente. Parece uma coisa inacreditável, mas é a mais pura verdade. O cego ouve melhor, o mutilado pensa melhor.

"Uso estes computadores para ganhar dinheiro", Daiana disse. "Muito dinheiro."

"Posso ajudar você."

"Mas tenho que lhe fazer uma confissão, Antonio."

"Sim", eu disse.

Ela ficou algum tempo calada. Depois prosseguiu:

"Todo esse dinheiro eu ganho de maneira desonesta."

"Como? Desonesta como?"

"Eu faço um spam..."

“Spam? O que é isso?”

“É um termo usado para se referir aos e-mails não solicitados. Meus spams são spams zombies...”

“Continuo sem entender nada.”

“Simplificando: o spam zombie é um código astucioso como worms, bots, vírus, cavalo de troia que, uma vez instalados, permitem que eu retire — vou usar a palavra certa, roube — os dados de acesso à conta de e-mail, contas bancárias etc. de alguém e me apodere do seu dinheiro.”

“Nenhuma violência é usada?”

“Não, Antonio. Nem pessoas pobres são prejudicadas. Vem aqui, vou te ensinar a instalar um cavalo de troia.”

Aprendi tudo facilmente. É a vantagem de ser um amputado. A gente fica mais inteligente. Quem duvidar que decepe uma perna e veja se isso não ocorre de fato.

Casei-me com Daiana. Tivemos um filho, para alegria dela, lourinho.

Nossa vida sexual? Perfeita. Você não precisa de duas pernas para fazer sexo. Você precisa de outras coisas, todas estão na mente.

O MUNDO É NOSSO!

Meu nome é Maria da Graça e tenho 62 anos de idade. (É mentira, tenho 72, mas pareço ter bem menos, então digo para todo mundo que tenho 62, e ninguém duvida.) Não pensem que fiz isso que chamam de operação plástica, ou coloquei Botox, essa coisa que todas as mulheres fazem. Me disseram que alguns camelôs fazem Botox nas regiões pobres da cidade. Eles vão pelas ruas gritando "olha o Botox, bom e barato", às vezes usam até alto-falantes. E a coisa é feita ali no meio da rua, ninguém acha nada de mais. E funciona. Dizem que é um Botox que vem da China, por isso é barato. Tudo que vem da China é barato, mas na maioria das vezes é também uma porcaria. Por exemplo, o tal cigarro eletrônico, aquela coisa que vaporiza falsa nicotina e que está na moda. O palerma pensa que está fumando um cigarro com gosto de tabaco, mas é um aerossol químico. Dizem que esse tal cigarro eletrônico chinês está matando gente. Ainda bem que eu não fumo. Beber eu bebo um pouco, champanhe, é claro, quem é que não gosta de uma champanhe? Ou é um champanhe? Preciso comprar um dicionário para esclarecer essas coisas.

Tenho várias amigas velhotas. Na verdade não são minhas amigas, são "colegas de van", nem sei o nome da maioria, a gente diz "oi" e a outra responde "oi" e é "oi" pra cá e "oi" pra lá. Elas vão à missa todos os domingos. Eu não vou. Nem domingo, nem segunda, nunca. Aliás, já notaram quem são as pessoas que

vão à missa? É só ficar na porta da igreja. Quando a missa acaba, qualquer missa, não importa a hora, só sai lá de dentro gente velha. Gente moça não vai mais à missa. Só a velharia.

Esqueci de dizer que uso para andar uma muleta de antebraço. Essas muletas são geralmente menos incômodas que as axilares. Mas isso não tem nada a ver com a minha idade. Eu fui atropelada na calçada por um sujeito andando num skate, não era um garoto, era sujeito com mais de vinte anos, usava uma barbicha, me atropelou, me jogou no chão, arrumou novamente o skate e nem olhou para mim, caída, foi embora ainda mais depressa. Quem me ajudou foi um porteiro. Meu joelho estava fraturado. É melhor fraturar o braço, a cabeça, qualquer parte do corpo, menos o joelho. Joelho não tem cura, fiquei capenga para o resto da vida.

Mas estamos em dezembro. Mês do Papai Noel. Ninguém mais acredita em Papai Noel. O Natal é outra convenção. As pessoas se reúnem, trocam presentes, vão à Missa do Galo. Missa do Galo é o nome dado pelos católicos à missa celebrada na véspera de Natal, que começa à meia-noite de 24 para 25 de dezembro. A expressão "Missa do Galo" é específica dos países latinos e deriva da lenda ancestral segundo a qual à meia-noite do dia 24 de dezembro um galo teria cantado fortemente, um canto como nunca se ouviu de outro animal semelhante, anunciando a vinda do Messias, filho de Deus vivo, Jesus Cristo. Eu vi isso na internet. Todo mundo tem computador ou celular. A minha empregada tem dois celulares. Eu tenho um apenas.

Mas, como eu dizia, não vou mais à missa, dia nenhum, nem domingo. As velhotas, minhas colegas de van, à medida que envelhecem, ficam mais e mais crentes. Para falar a verdade nem em Jesus eu acredito. Jesus é o Papai Noel dos adultos.

Em falei em velhotas da van. Sabem o que é isso? São as velhotas, como eu, que toda semana vão ao teatro. Uma van passa em nossas casas, nos leva ao teatro e depois, quando o espetáculo acaba, leva cada uma de volta para sua casa. Os jovens não vão ao teatro, assistem a filmes, shows de música, vão para os hotéis

fazer coisas inconfessáveis, mas ao teatro eles não vão. Se não fossem as velhotas, não existiria teatro nessa cidade.

Outra coisa: você vai ao supermercado e vê um monte de velhotas fazendo compras. Nas lojas também. Mas ninguém dá importância a elas, parecem invisíveis. Existe propaganda com velhotas? Não, é só olhar na televisão, ou nos jornais. Toda propaganda é feita com e para os jovens. Os publicitários são todos uns idiotas. Será que não sabem que o número de velhotas cada vez aumenta mais? Os homens, que são fracos pela própria natureza, estão morrendo em média com mais de oitenta anos. As mulheres passam dos noventa. Além disso, cada vez nasce menos gente, e quando ocorre o número de bebês mulheres é muito superior ao dos homens.

Resumindo: o número de velhotas cada vez aumenta mais, como uma música de Carnaval do meu tempo de jovem cujo refrão era "e o cordão dos puxa-sacos cada vez aumenta mais".

Bem, o mundo está ficando nosso, e vai ficar todo, todo nosso dentro de pouco tempo. Então tudo vai mudar, a vida vai mudar. Preparem-se!

JARDIM DE FLORES

Nunca consegui seduzir uma mulher usando palavras, como todos fazem. Eu sempre gaguejo. Sabia tudo o que eu ia dizer, mas nem uma palavra correta saía da minha boca.

Decidi ir a um psicanalista.

Ele se chamava Max, tinha um cavanhaque e, coisa estranha, usava um pincenê, como se fosse um instrumento de pesquisa para penetrar a alma dos pacientes.

Contei ao doutor Max o que acontecia comigo.

"Sabe quem controla a nossa maneira de agir?", ele perguntou.

"Não."

"É a nossa mente. Você quando se aproxima de uma mulher fica ansioso. Sabe o que é ansiedade?", ele perguntou, fazendo com o pincenê uma espécie de escrutínio da minha mente.

"Não."

"É um transtorno motivado pela aflição causada pela incerteza. Você fica perturbado com medo de que a mulher não goste de você. Em 15 sessões, ou no máximo em trinta, eu acabo com essas suas reações patológicas."

As sessões eram diárias. Depois de um mês ele disse que eu estava plenamente curado, eu devia me aproximar de uma mulher e tentar seduzi-la com palavras.

Foi algo catastrófico. Eu gaguejei, tartamudeei e cheguei a cuspir na mulher. Eu tinha medo das mulheres. Não adiantava ir ao psicanalista.

Decidi que precisava reagir. E reagi.

Usei um método que creio ter visto na TV ou no cinema. Comprei uma espécie de bengala, dessas que as pessoas deficientes usam. E já tinha uma Kombi.

Fiquei na Zona Sul, numa rua grã-fina mas deserta, esperando a ocasião propícia. Eu levava um monte de livros sob o braço.

Avistei uma mulher de uns trinta anos, bonita, sozinha.

Passei perto dela e deixei cair uns livros.

A mulher pegou os livros que estavam no chão.

"Muito obrigado", eu disse. E, milagre, não estava gaguejando.

"Para onde o senhor está indo?", ela perguntou.

"Para o meu carro, aquela Kombi. A senhora podia abrir a porta do carro para mim?"

"Claro", disse ela.

Dei-lhe as chaves.

Ela abriu a porta da Kombi.

Dei um golpe forte na sua cabeça. Ela perdeu os sentidos e eu a joguei dentro da Kombi.

Entrei, coloquei uma espécie de mordaça em sua boca e algemas de plástico nos seus pulsos e nas pernas.

Levei-a para a minha casa. Ainda não contei que morava sozinho em uma casa grande, no Alto da Boa Vista, cercada de jardins e de bosques. Todos que moravam comigo, pai, mãe, uma irmã, morreram. Eu devia ter me mudado, mas não me mudei, eu gostava muito das flores do jardim.

Na garagem da minha casa, tirei a mulher de dentro da Kombi. Levei-a para o meu quarto. Deitei-a na minha cama. Tirei toda a sua roupa, deixando apenas a

mordaça.

"Como é o seu nome?", perguntei, tirando a mordaça.

Eu não gaguejava mais.

"Salete", ela respondeu.

"Sou virgem, nunca copulei", segredei no ouvido dela.

Salete ficou imóvel, como se estivesse morta. Vou confessar uma coisa. Não foi bom como dizem.

Bom foi depois.

Como dizia o padre que frequentava a nossa casa quando eu era criança, está escrito em Provérbios: se você quer ficar sempre livre de problemas e sofrimento, fale o mínimo possível e tome sempre cuidado com suas palavras.

Por isso não falei mais nada. Apertei o pescoço da Salete com força. Isso sim é que foi bom. Sentir que eu tinha o poder de vida ou morte.

* * *

Durante mais de dois meses fiquei tranquilo. Cuidando das flores do meu jardim. Eu gosto de plantar fores, é verdade que sempre me firo com os espinhos das rosas, mas elas são tão bonitas... Dizia a minha mãe que a gente deve começar a ter um jardim plantando rosas. É simples. Basta revolver o solo para que as roseiras possam espalhar suas raízes à medida que crescem e depois cavar os buracos onde vai plantar as suas roseiras. Os buracos precisam ficar distantes uns dos outros cerca de sessenta centímetros e devem ser cobertos de fertilizantes. Eu planto rosas de uma cor chamada brilhante, uma cor intermediária entre magenta e vermelho.

Vou contar um segredo. Esse último jardim de rosas que plantei deu rosas lindas. Sabem qual é o segredo? Eu enterrei o corpo de Salete no jardim, o corpo de Salete mostrou ser o melhor adubo que eu usara até então.

Eu planto também lírios, girassóis, gardênias, zínias, margaridas, tulipas e violetas. Não existe no mundo nada mais bonito do que flor.

Então, fui ficando nervoso, tomado por uma indocilidade que não me deixava dormir.

Eu sabia o que era. Peguei os livros, enfaixei o braço e entrei na minha Kombi.

Tinha que ser um bairro diferente.

Felizmente esta é uma cidade grande, com muitos habitantes. Entrei na Kombi levando a minha bengala, a tipoia no pescoço, os livros, as algemas de plástico e a mordaça.

Foi fácil encontrar ao anoitecer, num local deserto, uma jovem bonita disposta a ajudar o homem com o braço na tipoia que deixara cair os livros no chão.

"Posso ajudá-lo?"

"Sim, por favor, abra a porta da minha Kombi."

O golpe fez a mulher desmaiar.

Chegando em casa levei-a para o meu quarto, tirei-lhe a mordaça e esperei que recobrasse os sentidos.

"Não se assuste", eu disse quando ela me olhou com os olhos arregalados. "Nada de mau vai acontecer com você. Como é o seu nome?"

Ela demorou a responder. Afinal disse:

"Elvira."

"Belo nome", eu disse.

Agarrei-a pelo pescoço com as duas mãos e apertei com toda a minha força. Sentir que ela morria deu-me um prazer sublime.

Depois, fiquei pensando. Em que canteiro eu colocaria o corpo de Elvira? No de lírios? No de girassóis? No de gardênias? No de zínias? No de margaridas? No de tulipas? No de violetas?

Podia ser em qualquer um, não havia problema, nenhum dos canteiros seria prejudicado, matéria-prima não iria faltar.

O REENCONTRO

Nem sei durante quantos anos deixei de ver Julia, a mulher que eu mais amei na minha vida. Sei sim: dez anos.

Conheci intimamente muitas mulheres, gostei de algumas, mas o sentimento que nutri por elas não se comparava ao que senti por Julia, tanto que mal me lembro de todas as outras, enquanto a voz, a maneira de andar, os olhos, a boca, os cabelos, o pescoço, os braços, as pernas, as mãos, os pés de Julia estão gravados para sempre na minha mente, no meu coração, na minha carne.

Ela era conhecida como Juju.

Eu cantava para ela:

"Juju, Juju..."

Ela respondia:

"O que é, meu balangandã?"

Eu continuava:

"Aqui estou eu, aí estás tu, minha Juju..."

"Meu balangandã", ela respondia.

E cantávamos em dueto a canção toda. Uma canção popular boba, mas as pessoas que se amam são sempre tolas.

E eu era um palerma. Nem sabia o que era balangandã. Hoje eu sei, fui ver no dicionário.

BALANGANDÃ. Ornamento de metal em forma de figa, fruto, animal etc., que, preso a outros, forma uma penca e é usado pelas baianas em dias de festa; serve também como objeto decorativo, lembrança ou, se miniaturizada, joia ou bijuteria; berenguendém. No passado era usado especialmente na festa do Senhor do Bonfim, em Salvador, pendente da cintura ou do pescoço das afro-brasileiras, e constituía amuleto contra o mau-olhado e outras forças adversas.

Um dia recebi um telefonema.

"Rafa? Sabe quem está falando?"

Meu coração disparou.

"Juju!", exclamei, quase gritando.

"Como descobriu? Há dez anos que não nos falamos."

"Jamais esqueci sua voz, jamais você saiu do meu pensamento."

"Eu fiquei muito triste quando você não quis casar comigo."

"Eu era muito pobre e você muito rica. E além disso você foi viajar."

"Meus pais se mudaram para Paris, eles tinham propriedade na França. Mas eu lhe dei o meu endereço, pedi que me visitasse."

"Eu não tinha dinheiro para isso. E não tive coragem de dizer. Eu tinha vergonha de ser pobre."

Durante um curto momento ambos ficamos calados.

"Você se casou?"

"Não", respondi.

"Eu me casei. E me separei um ano depois. Eu não gostava dele. Eu queria me casar era com você... Vamos nos encontrar? Estou morrendo de saudades."

"Eu também. Não parei de pensar em você um minuto durante esses anos todos."

Marcamos o encontro.

Fiquei um tempo enorme no espelho me vestindo.

Então constatei uma coisa horrível. Durante os últimos dez anos eu, que era elegante, esbelto, bonito, me tornara um sujeito gordo e barrigudo. Não, eu não podia me encontrar com Juju. Quando me visse ela ficaria horrorizada, até

mesmo enojada com a minha obesidade.

Porém, eu queria ver a minha Juju desesperadamente.

Fiquei ansioso esperando a chegada de Juju. Como sempre, as mulheres se atrasam.

Afinal ela chegou. Fiquei horrorizado, senti vontade de morrer. Juju se transformara (ou seria mais correto dizer se transtornara?) numa mulher gorda, muito gorda. Inesperadamente deixei de sentir amor por ela.

Mas logo fui dominado por um pensamento redentor. Gorda como estava, Juju não se incomodaria com minha obesidade. Então, que maravilha, voltei a amá-la como antes.

Puxei a cadeira para ela sentar.

Sentada, Juju olhou para mim.

"Você engordou muito", ela disse.

Pude ver nos seus olhos um sentimento de desdém, pior, de repulsa.

A NOVIÇA

Minha avó, quando me via triste, eu vivo triste desde pequeno, a minha avó dizia "tristezas não pagam dívidas", e até cantava uma música popular dizendo isso. Ela era aleijada, andava numa cadeira de rodas, tomava mil remédios, de manhã, de tarde, de noite, pílulas, xaropes, injeções, e era uma mulher alegre. Ou seria fingimento? Pena de mim? Na família éramos apenas nós dois. Minha mãe morreu no meu parto, meu pai morreu de tanto beber, mas eu desconfio que ele se matou.

Todo domingo eu levo minha avó à igreja. Ela reza. Eu finjo que rezo, ela ficaria muito infeliz se soubesse que o neto dela não acredita em Deus, em santos, em rezas.

Eu trabalho numa empresa de contabilidade. Sou um dos muitos contadores que trabalham num escritório ordinário sem ar-refrigerado, e no verão aquilo é um inferno. No fim do ano sou presenteado com um peru, desses que são engordados com hormônios sintéticos. Jogo aquela porcaria no lixo.

Não tenho namorada. Elas querem se divertir. Mulher só gosta de homem triste se ele for muito rico. Não pensem que sou misógino. Eu gosto das mulheres, gosto de ir para a cama com elas. Mas só quem me atura são as prostitutas.

Então a minha avó morreu. Eu nem disse o nome dela. Maria da Graça. Ela me

contava a origem do seu nome mostrando uma medalha. Uma santa que teve uma visão, os sagrados corações de Jesus e Maria, o de Jesus cercado por uma coroa de espinhos e a arder em chamas, e o de Maria também em chamas e atravessado por uma espada, cercado de 12 estrelas. Ao mesmo tempo a santa ouviu distintamente uma voz dizer-lhe: "Manda cunhar uma medalha. As pessoas que a trouxerem, com devoção, hão de receber muitas graças." E a minha avó me mostrava a medalha, dava um beijo na medalha e pedia para eu também dar um beijo na medalha. Eu beijava.

Fiquei ao lado da minha avó, que morria. Ela agarrou a minha mão e disse "meu netinho querido, você vai ficar sozinho no mundo, sem a sua avó para cuidar de você, por isso eu quero que você use esta medalha bendita", e tirou a medalha presa num cordão do pescoço. "Promete que vai usá-la sempre."

"Prometo", eu disse.

Nesse momento ela morreu, e tive a impressão de que ela sorria, feliz.

Passei a usar a medalha, por dentro da camisa, é claro. E também, conforme outra promessa que fizera à minha avó, todos os domingos eu ia à missa, bem cedinho, no horário em que ela ia. Eu não rezava, ficava lá, sentado, pensando na vida. Um dia uma mulher me perguntou:

"E aquela simpática senhora que sempre o acompanhava? Não vem mais? Eu sinto falta dela, sua presença me tranquilizava."

"Era a minha avó. Ela faleceu."

"Sinto muito. Ela era muito simpática."

Quando a missa terminou, era ainda muito cedo.

"Você já tomou café?", a mulher perguntou.

"Não... não..."

"Aqui perto tem um lugar ótimo, servem um café com torradas muito bom. Eu o convido. Está bem?"

"Agora?", respondi, titubeante.

"Sim", disse a mulher, me pegando pelo braço.

O bar era um lugar simpático. Notei então, depois que sentamos, que a mulher

era uma jovem muito bonita.

"Meu nome é Silvia."

"O meu é Rodrigo."

Todos os domingos, depois da missa, tomávamos café juntos. Um dia Silvia me disse que queria me contar uma história.

"Fui educada em colégio de freiras. Meu pai queria que eu me tornasse freira. Ele dizia sempre que vivíamos num mundo imoral, devasso, libertino, lascivo, que precisava salvar a filha dele desses perigos e a única forma era eu me tornar freira. Ser freira é um processo complicado. Você tem tempo e paciência para ouvir?"

"Sim, claro."

"É preciso ser católica, ser solteira. Você não pode ter outro relacionamento, seria uma distração para o chamado de Deus. Tem que escolher uma comunidade para a qual deseja se dedicar. Tem que deixar claro que pretende se comprometer seriamente. A instituição então irá avaliar o seu caso. Serão discutidos assuntos concretos como datas, lugares e procedimentos. E se faz uma reunião com a diretoria."

"Complicada, essa coisa."

"Mais do que você pensa. O processo pré-seletivo (no qual ambas as partes estão interessadas e trabalhando juntas) pode levar de um a três anos. Você precisa ter certeza absoluta do que quer na vida — esse é um compromisso verdadeiramente sério. Ele também é conhecido como postulado. Você já trabalhará com as outras irmãs, mas arcando com as próprias despesas (é por isso que deve ter uma situação financeira razoável antes de começar). Para dar início a todo o processo, deve-se escrever uma carta."

"Uma carta?", perguntei. De vez em quando eu usava uma palavra que Silvia acabara de dizer e fazia uma pergunta.

"Sim, uma carta em que deve ficar claro o seu interesse em fazer parte da comunidade. O processo seletivo normalmente dura de seis meses a dois anos e termina quando ambas as partes considerarem que já é a hora. Rodrigo, eu

prendi a sua atenção com a minha história e você não tomou o seu café nem comeu a sua torrada."

Na verdade eu não tinha a menor ideia sobre o que ela estava falando. Eu sempre ficava encantado com a beleza de Silvia, o som da sua voz, seus dentes perfeitos.

Apressadamente mastiguei uma torrada.

"Posso continuar?"

"Sim, sim, por favor."

"Até aqui você já terá se tornado um membro da comunidade, mas sem um compromisso definitivo. Você será chamada de 'Noviça'. Pelas leis da Igreja, esse período dura um ano, mas muitas instituições levam até dois anos. Parte do motivo que faz com que o processo demore é para que você não tenha dúvidas de que está tomando a decisão certa para si mesma. Então disseram que iam raspar a minha cabeça, antes de eu fazer os votos finais."

Esta frase da Silvia eu entendi: raspar a cabeça.

"O quê? Raspar a cabeça? Raspar a sua cabeça?", perguntei horrorizado, contemplando os lindos cabelos de Silvia.

"Mas eu não raspei. Quando soube o que eu teria que fazer como freira, desisti no noviciado. Sabe qual o papel de uma freira?"

"Rezar?"

"Sim, só que na verdade a única função da freira é pedir dinheiro. Mas isso pode ser feito por qualquer um. Não precisa ser freira para isso. Em suma, a existência de freiras e ordens religiosas não tem finalidade nenhuma, sendo um tremendo desperdício de tempo, energia, recursos e tudo o mais. Compara uma freira com um padre. O padre é importante, tem uma igreja, ouve confissões, perdoa, vira bispo, vira cardeal, vira papa. E a freira é uma mera pedinte. Quando percebi isso tudo, abandonei o convento. Meu pai havia falecido e assim ninguém se opôs ao meu gesto. Tenho uma confissão a lhe fazer. Não sou mais católica. Acredito em Deus e vou à igreja pensar em Deus. Agora chega, vamos falar de você."

“Eu sou... sou... Não creio em Deus, nem no Diabo.”

“E por que vai à igreja?”

“Prometi à minha avó.”

“Você entende de contabilidade?”

“Sou contador diplomado.”

“Eu preciso de um contador para arrumar as finanças do meu pai. Pago bem.”

Fui trabalhar para Silvia. Na casa dela.

Certa ocasião ela pediu para eu dormir lá.

À noite entrou no meu quarto vestindo uma camisola.

“Rodrigo, tenho um pedido a fazer.”

“Sim.”

“Eu sou virgem.”

“Sim.”

“Quero deixar de ser. Você me ajuda?”

Confesso que fiquei quase tão nervoso quanto Silvia. Mas depois tudo foi ficando cada vez melhor.

Esta é uma história de amor. Vou terminando por aqui, pois não quero parecer piegas.

TELEVISÃO

Eu gostava de desenhar. Estava sempre desenhando. Isso antigamente. Agora perdi a vontade de desenhar, ou melhor, não sei o que desenhar. Eu desenhava tudo, mulheres nuas, homem morto, flor — flor eu não gostava muito, só do cheiro —, desenhava ruas, letreiros luminosos, pessoas em volta de uma mesa jantando (ou almoçando), dois sujeitos jogando sinuca, aleijadinho — aleijadinho eu gostava de desenhar, vários tipos de aleijadinho, sem perna, em cadeira de rodas, sem braço, mas o que eu gostava mesmo era do aleijadinho com duas muletas e sem as duas pernas. Eu desenhava a cara desse aleijadinho como a de um homem feliz, feliz porque podia passear pelas ruas, ainda que fosse de muletas.

Havia uma coisa que eu detestava: desenho abstrato. "Abstração: uma coisa de difícil compreensão, obscura", diz o dicionário. Novamente o dicionário: "Abstrato: que não é claro para o espírito, que é difícil de compreender, de explicar."

Você desenha uma porcaria que não quer dizer nada e diz "é uma abstração", e os bestalhões dizem "muito interessante". Será que essa gente não sabe que arte tem que ter um significado? Tem que exprimir algo?

Voltando ao meu problema. Eu sento à mesa, o papel e os crayons na frente, e não consigo desenhar. Na verdade nem sento mais à mesa. Vou direto pra

televisão ver uma das porcarias que exibem.

Falta inspiração? Isso parece coisa religiosa e eu sou ateu. Falta motivação? O artista precisa estar motivado? Isso me parece pueril, uma tolice.

Eu sento à mesa, com o material para desenhar, espero um minuto. Desenhar o quê? Vou para a poltrona e ligo a televisão. Penso, amanhã vou desenhar. Mas volto a ver televisão. Vejo televisão todos os dias. Isso é coisa de débil mental. Mas vejo televisão, e vejo novamente, e novamente, e novamente. Ver televisão deixa o sujeito maluco.

Compro um revólver, vou dar um tiro na cabeça.

Mas em vez de dar um tiro na cabeça atiro na televisão. Vários tiros, destruo aquele monstro.

Não demorou muitos dias para que eu voltasse a desenhar.

Televisão? Nunca mais. Sem televisão eu fiquei bom, deixei de ser um neurótico, ou coisa parecida.

Mas quando passo na vitrine de uma loja e vejo um aparelho de televisão confesso que o meu coração bate apressado e minha boca se enche de saliva.

ANDAR É PRECISO

Eu e Norma havíamos acabado de fazer amor e estávamos abraçados conversando.

Quando as pessoas são casadas há algum tempo, a partir desse instante cada um vira para o seu lado e começa a dormir, como se uma obrigação acabasse de ser cumprida. Mas eu e Norma éramos namorados recentes.

"Li", disse Norma, "um conto sobre a arte de andar em que o narrador, que se intitula um andarilho, acredita que 'ao andar pensa melhor, encontra soluções para os problemas; *solvitur ambulando*, diz para os seus botões; ou seja, andando resolve os problemas'. O narrador do tal conto esclarece ainda que 'em suas andanças olha com atenção tudo o que pode ser visto, fachadas, janelas, cartazes pregados nas paredes, letreiros comerciais, luminosos ou não, buracos nas calçadas, latas de lixo, bueiros, o chão que pisa, passarinhos bebendo água nas poças, veículos e principalmente pessoas'. Eu, Pedroca, quando ando nas ruas, só olho vitrines. E você?".

"Eu?"

"Sim, você."

"Quer saber? Não olho coisa alguma, vou pensando no meu trabalho e evitando pisar em buracos. As ruas da cidade estão todas esburacadas."

É claro que eu mentia. Eu olho todas as mulheres bonitas que passam perto de

mim, e esta cidade tem muitas mulheres bonitas. Gosto das magras de seios pequenos que mal se destacam na roupa, e braços finos, o bumbum redondinho e firme. Mas não ia dizer nada disso para a Norma, ela é muito ciumenta.

Conheci Norma na faculdade de filosofia, mas naquela ocasião só nos abraçávamos e dávamos beijos apaixonados.

Quando terminei o curso o meu pai me chamou e disse:

"E agora, filósofo, vai fazer o que da vida?"

"Não sei", respondi sinceramente.

"Tenho um amigo", continuou o meu pai, "que é diretor de um banco importante. Ele disse que arranja um emprego para você. Bem remunerado".

E assim foi. Aceitei. O problema é que o emprego era em Brasília e lá fiquei eu dois anos. Durante esse tempo eu escrevia diariamente cartas de amor para Norma. "Meu amor. Morrendo de saudades de vc. Bjs Pedroca." Essas cartas da internet, ou melhor, esses e-mails, são assim, enxutos.

Norma tinha se tornado professora de filosofia. A nossa antiga professora, Bela, convidara Norma para ser sua assistente e logo ela se tornou professora titular. A Bela era lésbica e talvez tenha tido algum envolvimento com Norma, mas isso não me incomodava, Norma podia andar com mulher, com homem não. Seja como for, quando nos reencontramos, e além dos beijos e abraços passamos às "vias de fato", notei que a Norma era virgem.

Mas, como já mencionei, eu e Norma estávamos na cama conversando.

"No conto", continuou Norma, "o personagem relata a história da mãe dele, ficção, é claro. Afirma que a mãe era um exemplo marcante de que andar é preciso. Ela morava na praia do Flamengo e diariamente andava alguns quilômetros pela orla, com a sua irmã de criação, até os 94 anos de idade. Todos diziam que ela ia ultrapassar o centenário. Um dia, dentro de casa, ela escorregou no assoalho encerado, caiu ao chão e quebrou o quadril. Passou a andar numa cadeira de rodas. Mas isso durante pouco tempo. Ela decidiu morrer. E morreu, sem nenhuma causa aparente. Ela quis morrer porque não podia mais andar. O marido, que não gostava de andar, sofreu um AVC e morreu com pouco mais de

sessenta anos".

"Em ficção você pode inventar qualquer história", eu disse.

"Mas, Pedroca, eu fiquei tão impressionada com esse conto que decidi estudar os filósofos que gostavam de andar. Meu curso no segundo semestre será dedicado a eles."

"Quem são essas figuras?"

"Pedroca, não gostei desse tom de desprezo da sua voz."

"Não tem desprezo nenhum, meu amor, eu quero saber mesmo."

"São: Emerson, Nietzsche, Kant, Rousseau, Rimbaud…"

"Amorzinho, esse último não era poeta?"

"Eu sei, mas os poetas são tão importantes quanto os filósofos. Posso citar os outros?"

"Claro, meu amor."

"Nerval. Acho que vou parar nesse. Você quer ouvir um resumo do que vou dizer?"

"Sim, adoro ouvir a sua voz."

"Emerson, no seu ensaio escrito em 1858, "Country Life", diz que o melhor para a humanidade é andar, o que, poucos sabem, é uma arte. As qualificações, segundo Emerson, são: resistência, roupas simples, sapatos velhos, olhar a natureza, bom humor, grande curiosidade, falar bem, saber ficar calado. E para isso a melhor companhia é um cão."

"Bacana", eu disse.

"Quem também dava muita importância ao ato de andar era Nietzsche, o famoso autor de *Assim falava Zaratustra*. Ele escreveu em um dos seus ensaios que tudo que ele havia pensado e esboçado em pequenos cadernos ocorrera enquanto ele andava. O outro foi Kant, o autor da *Crítica da razão pura*. O problema de Kant era a sua saúde. Ele tinha o ombro direito mais alto do que o esquerdo, era cego de um olho e tinha uma constituição física muito delicada. Apesar dos problemas de saúde, Kant sabia que andar era preciso. Num dos seus livros podemos ler: 'Já sei o caminho que vou trilhar. Vou começar minha

caminhada e ninguém vai me impedir.'"

"Formidável", eu disse. Mas, na verdade, não prestava a menor atenção ao que Norma dizia.

"Rousseau — Jean-Jacques Rousseau — nasceu em 1712 e morreu em 1778. Era filósofo, escritor e compositor. Sua filosofia política influenciou a Revolução Francesa. Sua obra *Contrato social* é importante do ponto de vista político e social. Como romancista escreveu Émile, ou A *educação* e *Julie, ou a nova Heloise*, considerada a primeira obra romântica. E, com as suas *Confissões*, iniciou a moderna autobiografia. Finalmente, *Sonhos de um caminhante solitário* é o primeiro livro de literatura introspectiva. Ele disse: 'Nunca faço nada a menos que esteja caminhando, o campo é o meu gabinete. A visão de uma mesa com papéis, livros me dá náusea.'"

Esses filósofos eram uns chatos, pensei.

"Não posso deixar de citar Rimbaud", continuou Norma. "Não que ele seja um dos meus poetas favoritos, mas porque entre os poetas provavelmente é o mais andarilho de todos. Como não tinha dinheiro, ele se deslocava entre as cidades caminhando. Rimbaud nasceu em 1854 e morreu de câncer em 1891, aos 37 anos de idade. Teve uma ligação amorosa com o poeta Verlaine, que largou a esposa e os filhos para viajar com Rimbaud. Verlaine, um dia, já de volta à França, por ciúmes atirou em Rimbaud, ferindo-o ligeiramente, mas acabou preso durante dois anos. Mas isso não cabe aqui nesta história curta. O que interessa é que Rimbaud era um andarilho e quando aos 21 anos parou de escrever foi viajar pelo mundo e viveu algum tempo na África. Certa ocasião, quando estava na Abissínia, andou, feliz, dezenas de quilômetros por desertos pedregosos e montanhas. Rimbaud sabia que andar era preciso".

Porra, esse poetas eram outros chatos, pensei.

"E finalmente Gerard de Nerval, outro andarilho famoso, poeta romântico, autor de *La Bohème galante*, *Les Nuits d'octobre* e de uma interessante coleção de ensaios sobre Paris à noite, *Lorely, souvenirs d'Allemagne*, mencionando as suas viagens pelo rio Reno, que inclui também a Holanda e a Bélgica. Escreveu ainda

uma aclamada peça teatral, *Scènes de la Vie Allemande*. Em todos esses lugares — Paris, margens do Reno, Holanda, Bélgica — Nerval andou, ainda que caminhasse melancolicamente. Mas não importa se o seu caminhar é melancólico, alegre ou triste. Andar é preciso. Pedroca, querido, vamos andar um pouco? Não importam nacionalidade, idade, sexo, saúde, se o sujeito é corcunda, anão, usa uma bengala para caminhar. Andar é preciso. Vamos andar, querido."

"Norma, minha adorada, prefiro fazer amor mais uma vez", eu disse beijando-a.

E foi o que fizemos, a manhã inteira.

Essa coisa de andar é para carteiro, pensei.

BOLA OU BÚRICA?

É difícil achar bolas de gude. Todo mundo mora no asfalto, a cidade está uma merda, não existe mais chão de terra.

Mas, falando da bola de gude, o único lugar que vende é a loja do seu Pereba. A gente quando fala com ele chama o Pereba de Pereira, mas ele é conhecido como Pereba, e não gosta de ser chamado assim, fica furioso. Pereba é uma espécie de sarna, uma coisa que dá na pele e parece que não tem cura, e o pior é que pega, e o Pereba tem essa coisa, ninguém pode encostar nele, por isso o Pereba nunca casou, e se isso por um lado é bom, pois toda mulher casada é um pentelho, menos a mãe da gente, é claro, por outro é ruim, pois o Pereba não consegue ninguém para afogar o ganso.

Felizmente aqui neste subúrbio a gente tem uma porção de lugares de terra batida onde podemos cavar em linha reta os três buracos do jogo. Meu nome é Zé e eu sou o melhor de todos, mas ultimamente mudou para a vizinhança um crioulo chamado Anderson, e o puto é bom, você pergunta bola ou búrica, búrica é o buraco no chão, e o Anderson quase sempre diz bola, e com uma pontaria certeira pra caralho acerta com a bola dele a minha bola, jogando ela para longe, e depois joga a dele dentro da búrica.

Todo mundo sabe como se joga bola de gude, o sujeito coloca a bola no dedo indicador dobrado e com o polegar faz a bola correr pelo chão, para acertar outra

ou o buraco.

Esqueci de dizer que o puto do Anderson é canhoto. Esses canhotos são foda, eu demorei para descobrir os macetes dele.

Então veio o campeonato, tinha gente do meu bairro e de mais três outros, e o campeão não ia ganhar nenhum dinheiro, mas ia ficar famoso e assim podia pegar as melhores gurias da área. Eu estava de olho na Marlene, ela não dava bola para mim, mas se eu fosse o campeão ela daria. Dar bola e mais alguma coisa, a bunda dela era de fechar o comércio.

Durante o campeonato, eu fui eliminando os meus adversários, até que ficaram dois para a final. Eu e o puto do Anderson.

Um montão de gente foi assistir à partida. Marlene estava lá e aquilo me perturbou. Pensando nela eu já havia tocado uma porção de punhetas.

O jogo foi duro. A partida era de cinco pontos. Eu suava nas mãos e aquilo atrapalhava o meu jogo. Anderson fez dois a zero, puta merda, ou eu reagia ou me fodia em copas. Fiz dois buracos, empatamos. Anderson fez o terceiro. Eu empatei. Anderson fez o quarto, o puto estava na bica para ganhar o campeonato. Então eu me concentrei e fiz duas búricas seguidas.

Marlene correu e me abraçou. Anderson ficou jururu num canto, parecia até que tinha ficado corcunda.

Comi Marlene naquela noite. Ela morava com a avó, uma velha coroca surda.

Quando cheguei em casa, pela manhã, encontrei minha mãe chorando. Meu pai havia sido preso. Esqueci de dizer que o meu pai vendia maconha nos trens da Central. E que eu tenho dois irmãos pequenos, um de seis anos e outro de oito.

Fui procurar o seu Eleutério, o cara que fornecia a maconha ao meu pai. Disse a ele que enquanto o velho estivesse em cana eu ia vender a erva no lugar dele.

“Quantos anos você tem?”

“Dezoito.”

“Dezoito?”

“Quer dizer, vou fazer.”

Mentira, eu tinha 13 anos, mas era um moleque grande.

Seu Eleutério passou a me fornecer a erva. Ela era batizada, mas maconha pura é difícil de encontrar.

Quando o meu pai saiu do xadrez eu continuei ajudando nos trens da Central.

A bola de gude foi pro brejo, eu não tenho tempo para jogar. Mas estou ganhando uma graninha boa, e posso dar presentes para a Marlene.

CEM ANOS

Quem disse a Manuel que ele naquele dia fazia cem anos foi a sua vizinha, dona Adelina.

"Como você sabe?", perguntou Manuel.

"Sei a idade de todos os vizinhos. Quer que eu lhe diga?"

Manuel foi até o cubículo da casa que ele chamava de escritório, fuçou a papelada e achou a certidão. Dona Adelina estava certa. Ele fazia cem anos naquele dia.

"Não vai comemorar? Cem anos merecem uma comemoração", disse dona Adelina, quando se encontraram novamente.

"Comemorar como? Todos os meus parentes e amigos morreram."

Manuel morava na mesma casa há muitos anos. Os móveis eram os mesmos, os livros eram os mesmos, só as toalhas, os lençóis e as cuecas não eram muito velhos. Até o clister era o mesmo. Antigamente as coisas duravam, pensou Manuel, agora todo ano sai uma nova versão do mesmo produto, dizem que esse é um método de comércio denominado obsolescência planejada. Então, subitamente lembrou que clister era uma palavra que vinha do grego, significando seringa.

Ele sofria de prisão de ventre e fazia o clister diariamente. O seu aparelho era uma espécie de jarra de vidro, com uma pequena torneira que abria e fechava, na

qual era colocado um tubo comprido de borracha com um recipiente na ponta. Ele enchia a jarra com um líquido especial e deitado sobre o lado esquerdo introduzia o recipiente no ânus e abria a torneira da jarra, permitindo que o líquido entrasse nos seus intestinos, até sentir vontade de evacuar.

Mas essa não pode ser a maneira de comemorar os meus cem anos, eu faço isso há dezenas e dezenas de anos, pensou.

Cem anos não se comemoram. Cem anos de quê? A vida é um sofrimento contínuo, o corpo sofre, a mente sofre, doenças — e ele pensou em todas as doenças que existiam, eram tantas que davam para encher um livro de quinhentas páginas. Era isso que ele ia comemorar?

Então teve uma ideia. A melhor maneira de comemorar cem anos é morrendo na cama sem incomodar ninguém.

"Vou deitar e morrer", decidiu.

Deitou na cama e morreu. Mas antes teve a consciência de uma sensação de bem-estar. Ele estava feliz.

REGIME

É sempre assim. Durante algum tempo ninguém vem chatear você com sugestões idiotas, até que um parente ou um amigo lhe diz:

"Você precisa fazer um regime. Quanto você está pesando? Daqui a pouco você não arranja mais namorada, as mulheres não gostam de homens gordos."

Eu só como putas. Elas gostam de homens gordos, ou fingem gostar e eu acredito.

Nunca subi numa balança. Não tenho interesse em saber quanto estou pesando. Eu gosto de comer. Qualquer pessoa normal gosta de comer. Maluco não gosta, e eu não sou maluco. Existe aquela frase chistosa que diz "tudo o que é bom é ilegal, imoral ou engorda". Comer era muito bom e eu tinha que pagar um preço por isso, além do dinheiro que gastava.

Mas de qualquer maneira fiquei em casa matutando sobre regime. Perdi o sono. Então decidi tentar o tal regime alimentar. Mas quem me pressionou foram as minhas roupas. Elas começavam a me apertar e depois de algum tempo eu nem mesmo podia usá-las.

Então fiz algo que nunca pensei que faria: subi numa balança.

Não vou contar o resultado.

Liguei para o meu amigo Jaime, que havia dito que eu precisava fazer um regime.

“Quero fazer o tal regime”, eu disse.

“Você tem que procurar um médico especialista em regime alimentar.”

“Você tem alguma sugestão?”

“Sei o nome de uma médica muito competente. Fez o tratamento do Gumercindo. Lembra do Gumercindo? Perdeu mais de trinta quilos no tratamento que fez com ela.”

“É uma mulher?”, perguntei.

“Você tem alguma coisa contra as mulheres? Fique sabendo que elas são mais competentes do que os homens em todas as profissões. Todas.”

O nome da médica era Suzana Melo. Marquei hora pelo telefone.

Quando cheguei ao consultório e conheci a doutora Suzana, tive uma surpresa: ela era uma mulher gorda, muito gorda.

“A senhora é a doutora Suzana?”

“Surpreso?”

“Não, não... eu...”

“Não esperava que eu fosse uma pessoa gorda.”

“Meu amigo Jaime disse que um cliente seu perdeu trinta quilos...”

“É verdade. Mas mesmo assim ele continuou gordo. Ele pesava 120 quilos e ficou com noventa. Viver sem gordura é péssimo. Péssimo não: inviável. Como disse o cientista alemão Hans-Peter Hauptmann, as gorduras servem de base para a formação de diversos hormônios no seu corpo, inclusive os hormônios sexuais. Alguém completamente livre de colesterol seria tão dinâmico e sedutor quanto uma tartaruga com cãibra.”

“Tartaruga com cãibra?”

“Graça de alemão. O senhor é casado?”

“Não.”

“Mas tem namoradas, não?”

“Sim, tenho.” (Minhas putas não deixavam de ser namoradas.)

“Quer ficar magro e impotente?”

“Não, não.”

“Então o senhor está dispensado.”

“Posso ir embora?”

“Não quer conhecer o meu quarto?”

Como seria a doutora Suzana na cama? Eu daria conta do recado?

Fomos para o quarto.

Bem, resumindo: desisti de emagrecer. Estou muito feliz gordo. É claro que a doutora Suzana está me ajudando.

OLHARES E SUSSURROS

Já fui gordo, bastante gordo. Temia me tornar um dos sujeitos mais gordos — não digo do mundo, mas da cidade onde moro, pelo menos. Todas as pessoas têm a sua paranoia, a minha era ser gordo. Por isso fiz a tal cirurgia bariátrica. Hoje como uma azeitona e fico saciado.

Decidi fazer isso quando vi a relação das pessoas mais gordas do mundo. Não vou fazer uma relação dos gordos mais gordos, apenas digo que o mais gordo de todos se chamava... não vou dizer o nome dele, só as iniciais, J.B., e pesava cerca de 600 (seiscentos) quilos. Esse J.B. morreu com um edema generalizado ocasionado pelo excesso de gordura. Quando vi a foto dele fiquei traumatizado. Ele se parecia comigo. À noite sofri um horrível pesadelo: eu era o J.B. e não conseguia subir na balança para me pesar; eu era a pessoa mais gorda do mundo. Acordei tremendo de medo. Então fiz a bariátrica.

Pesquisei para saber quem era o melhor especialista nesse ramo. Era um cirurgião chamado doutor Alpendre.

"Doutor Alpendre."

"Alpenddre com dois D, dois D. Com um D apenas é um galpão, uma coisa assim."

"Entendi. Mas eu vim aqui porque quero muito fazer a tal cirurgia bariátrica."

"Quantos quilos o senhor pesa?"

“Não sei.”

O doutor — não vou repetir o nome dele — tinha uma balança no consultório.

Subi na balança.

“Cento e quarenta quilos. Espera, não, não, 145. Vamos ver sua altura... Vou lhe dizer uma coisa, senhor...”

“J.B., quer dizer, meu nome é José.”

“Senhor José. Metade das pessoas que fazem redução de estômago volta a engordar parcialmente, e 5% ganha todo o peso de novo. Por isso, não adianta apenas se submeter à cirurgia bariátrica: é preciso mudar de hábitos e manter uma reeducação alimentar para o resto da vida. A operação também deve ser a última alternativa para quem precisa emagrecer — seja por obesidade mórbida ou por doenças associadas ao excesso de peso. Ao contrário do que muita gente pensa, o estômago de indivíduos gordos não é maior nem mais elástico que o dos magros. Outra coisa, pessoas magras podem ser gordas por dentro, devido à gordura que armazenam ao redor dos órgãos vitais, coração, fígado, pâncreas. Essa gordura é mais perigosa do que aquela que se aloja sob a pele. Vou ter que fazer uma série de exames laboratoriais e outros.”

O doutor — não vou repetir o nome dele — estava querendo ganhar mais, como todo mundo, aliás. Mas eu não me incomodei com isso, sou rico, tenho muito dinheiro.

Enfim, o doutor — não vou repetir o nome dele —, depois de todos os exames, disse que eu não era gordo por dentro, só por fora. E a cirurgia foi realizada.

Em pouco tempo emagreci mais da metade do meu peso. Tive que comprar roupas novas, até sapatos; as pessoas pensam que o pé não emagrece, emagrece sim.

Então aconteceu algo perturbador. Antes, quando era gordo, eu entrava em qualquer lugar público e as pessoas não me estranhavam. Quando fiquei magro todo mundo me olhava. Demorei a perceber isso. Por exemplo, quando ia a uma exposição de arte — além de gostar de cinema eu gosto muito de pintura e artes plásticas em geral —, as pessoas me olhavam à sorrelfa e sussurravam entre elas

“olha ali aquele caveirinha”.

Mas isso não era o pior. Quando fui para a cama com uma... uma... como diria, uma senhora, uma mulher, enfim, uma pessoa do sexo feminino, eu não consegui realizar a *intoductio penis intra vas*. Existe vergonha maior? Não, não, não existe. Quando eu era gordo isso jamais aconteceu comigo.

Chega de ser caveirinha, chega. Como disse o doutor — não vou repetir o nome dele —, o estomago dilata.

Amanhã vou comer uma feijoada completa: feijão-preto, carne-seca, lombo, rabo de porco, orelha, chispes, paios, linguiça, um montão de torresmo, toucinho defumado, couve cortada em tirinhas, laranjas descascadas e várias pimentas-malaguetas.

Depois de amanhã, vou comer dois quilos de rabada com polenta feita com o melhor fubá misturado com manteiga e queijo.

Caveirinha é o caralho!

ANIMAL DE ESTIMAÇÃO

Já tive cachorro, gato, jabuti — não confundam o jabuti com a tartaruga, ou com o cágado, todos são répteis, mas a tartaruga vive somente na água, tem casco achatado e patas afinadas, o jabuti possui casco convexo, bem arqueado, e patas grossas, que parecem réplicas miniaturizadas da pata dos elefantes, e o cágado distingue-se do jabuti por ser um quelônio de água doce e não terrestre, além de ter o pescoço mais longo.

Os jabutis gostam mais de carinho do que qualquer outro animal, apenas não podem manifestar esse pendor ronronando como os gatos ou lambendo a gente como os cachorros. Os jabutis gostam que se passe a mão de leve na sua carapaça, e dá para notar que eles gostam das carícias, mesmo que não façam qualquer ruído, pois é possível sentir uma espécie de aquecimento do seu escudo quitinoso.

Um dia o meu jabuti sumiu. Claro que foi roubado. Já disse e repito: este é um país de ladrões.

Botei anúncio nos jornais oferecendo uma gratificação a quem achasse o meu jabuti. Eu devia estar dizendo a minha jabuti, ela era do sexo feminino e seu nome era Samanta. Como eu sabia o sexo da minha Samanta? Muito simples. Basta olhar o plastrão, a parte de baixo da carapaça, o que seria a barriga do animal. Os jabutis machos possuem essa parte do casco profundamente côncava

para encaixar na fêmea na hora do acasalamento. Já as fêmeas têm o plastrão sem concavidade ou ligeiramente convexo.

Então apareceu na minha casa um sujeito dizendo que havia achado o meu jabuti. Queria receber logo a indenização, pois, segundo ele, estava atrasado para um compromisso.

Foi fácil verificar que o jabuti que o espertalhão me trouxera era um macho.

"Esse não é o meu jabuti. Ponha-se daqui para fora antes que eu chame a polícia."

O mandrião saiu correndo com o rabo entre as pernas.

Samanta nunca mais apareceu. Então decidi que teria um animal diferente. Gato e cachorro nem entraram nas minhas cogitações. Depois de matutar longamente escolhi o animal: o ouriço.

Os ouriços são animais principalmente noturnos, que se alimentam de insetos, caracóis, lesmas e vegetais. Os seus predadores principais são as corujas e os furões. O ouriço conta com a sua coloração como camuflagem, mas quando ameaçado enrola-se numa bola expondo apenas a face coberta de espinhos. Não devemos confundir o ouriço com o porco-espinho. O porco-espinho é um roedor. Uma diferença importante entre estas duas espécies é que os espinhos do ouriço, ao contrário dos do porco-espinho, não se soltam naturalmente, nem são venenosos. Os ouriços têm mais de 16 mil picos e usam-nos para diferentes necessidades: camuflagem, defesa, ataque, transporte de comida. Eles possuem um focinho pequeno e quatro patas que se mobilizam bastante bem. Possuem também uma cauda de cinco centímetros.

Não foi fácil achar um ouriço para comprar.

Afinal apareceu na minha casa um velho corcunda, de barba, vesgo, parecia um fantasma. Mas não trazia qualquer ouriço com ele.

"Onde está o ouriço?"

"O nome dele é Zé."

"Onde está o Zé?"

"Se o senhor quiser o Zé", disse o corcunda vesgo, "tem que comprar também

a gaiola de vidro com a roda para ele brincar".

"E quanto é isso tudo?"

O preço que o velho corcunda estipulou era muito alto, mas eu aceitei.

"Pagamento adiantado", ele disse.

Paguei.

No dia seguinte ele pareceu com uma gaiola de vidro. Dentro, uma roda de uns trinta centímetros de diâmetro para o ouriço brincar. Aliás ele estava brincando na roda, mas quando me viu parou e ficou me olhando inquisitivamente. Ele tinha o corpo e o focinho coberto de espinhos. Mas o seu olhar era muito cativante.

"Cuidado com as corujas", disse o corcunda.

"Eu sei, eu sei."

"Ele gosta muito de lesmas e de brócolis, mas tem que ser bem verdinho."

"Eu sei, eu sei."

O corcunda se retirou. Eu e o ouriço ficamos nos olhando. O olhar do Zé era tão sedutor que eu o tirei da gaiola. Ele se aninhou nos meus braços, os espinhos nem me tocaram.

Ele é o meu melhor amigo. Consegui um fornecedor de lesmas e caracóis. O Zé engordou, mas não muito.

Agora dormimos juntos na mesma cama.

O ROEDOR DE OSSOS

Quando eu era criança, e a minha mãe ainda estava viva, todo domingo ela fazia galinha assada. Lembro que eu dizia nervoso:

"A asinha é minha, a asinha é minha!"

Eu pegava a asinha assada da galinha e ficava roendo aqueles ossinhos, era uma delícia. Eu roía e mastigava e engolia aquela pasta óssea que eu fabricava com os meus dentes.

"Julinho, você está roendo essa asa de galinha há mais de meia hora. Come também um pouco do peito, ele está esfriando no seu prato", dizia minha mãe.

Com a idade a minha vontade de roer ossos foi ficando mais intensa.

Passava as noites acordado, pensando em roer ossos. A minha mãe e o meu pai haviam morrido, eu morava sozinho na nossa casa.

Fui ao médico e lhe relatei esse problema.

"Doutor, eu não durmo, fico pensando em roer ossos e não consigo dormir."

"Roer ossos?"

"Isso. Roer ossos."

"Esse seu problema exige a atenção de um especialista em osteologia."

"O quê?"

"Sim. Um osteólogo. Vou lhe dar o endereço do melhor osteologista que existe em nossa cidade. O nome dele é Abiel Brand. Doutor Abiel Brand. Abiel é do

hebraico, significa *Deus é meu pai.* Brand é anglo-saxão, significa *corvo* ou *espada.* Os judeus são os melhores médicos que existem. Freud era judeu, o senhor sabia?"

"Sabia, sabia", respondi apressadamente, colocando no bolso o endereço e o telefone do tal osteo-não-sei-o-quê."

Liguei para ele.

Uma voz feminina sussurrante atendeu ao telefone.

"Quero marcar hora com o doutor, doutor..."

"Doutor Brand."

"Isso, doutor Brand."

"Esta semana ele não tem hora vaga. Semana que vem, quinta-feira, 16 horas."

"Quinta-feira da semana que vem?"

"Um momento, por favor."

Esperei. A secretária voltou.

"Um cliente acabou de cancelar a consulta marcada para hoje às 18 horas. Posso encaixar o senhor..."

"Sim, sim, muito obrigado. Hoje, 18 horas."

Cheguei meia hora antes. Afinal, depois do que me pareceu uma eternidade, fui recebido pelo doutor Brand.

Ele era um homem magro, calvo, que usava pincenê. Não se usa mais essa coisa, tem gente que nem sabe o que é. Pincenê são óculos sem haste que se prendem ao nariz por meio de uma mola. A mola não devia estar funcionando corretamente, pois a todo momento o doutor Brand ajeitava os óculos no nariz.

Ele fez várias perguntas, sobre minha idade, minha saúde.

"Não consigo dormir pensando em roer ossos."

O doutor Brand ajeitou o pincenê.

"Roer ossos... Interessante. Os ossos possuem uma relação com o metabolismo do cálcio, e a medula óssea está relacionada com a formação das células do sangue."

Senti vontade de perguntar: "E daí?"

Por algum tempo ficamos os dois calados.

"Estou lhe receitando um remédio à base de cálcio. Como o senhor sabe, o cálcio é armazenado no retículo endoplasmático das células. Como o senhor sabe, o retículo endoplasmático, ou ergastoplasma, é um organelo exclusivo de células eucariontes. Formado a partir da invaginação da membrana plasmática, é constituído por uma rede de túbulos e vesículas achatados e interconectados, que se comunicam com o envoltório nuclear (carioteca). Foi descoberto em 1945 pelo citologista belga Albert Claude."

Antes que o doutor Brand viesse com mais um "como o senhor sabe", peguei a receita, levantei-me da poltrona, disse muito obrigado e saí da sala.

Paguei uma quantia enorme pela consulta. A secretária deu-me um recibo da Clínica Brand.

Claro que não tomei aquele remédio.

Eu tinha uma empregada que era surda e cardíaca. Perfeita para o meu objetivo. O nome dela era Cremilda. Quando Cremilda não tomava o remédio ela perdia os sentidos. Duas vezes eu a encontrei caída na cozinha, sendo cheirada pelo Guri. Guri era o nome do meu gato vira-lata.

Apesar de tudo eu sou um sujeito de sorte. No dia seguinte à minha visita ao doutor Brand a Cremilda teve um desmaio. Ela estava descascando cebolas com uma faca bem amolada. Peguei a faca e cortei um dedo da Cremilda, o dedo médio, que é o maior de todos. Embrulhei o dedo num papel-alumínio que tinha na cozinha e coloquei-o no bolso.

Quando Cremilda voltou a si, ao ver o dedo decepado, disse:

"Meu Deus, o que aconteceu, meu Deus?"

"Você estava cortando cebolas e cortou o dedo. O Guri pegou o dedo e saiu correndo com ele."

"Meu Deus, meu Deus", disse Cremilda novamente.

Levei-a ao pronto-socorro, mas antes escondi o dedo na estante do meu quarto.

Voltamos do hospital e Cremilda, sedada, dormiu logo que deitou na cama do

seu quarto.

Fui à cozinha, peguei uma frigideira, coloquei azeite e deixei o dedo fritar por um minuto, apenas um minuto. Depois fiquei roendo o dedo a noite inteira, roer um dedo é muito melhor do que roer uma asa de galinha assada, é uma iguaria maravilhosa.

Um cotovelo seria mais gostoso?

JUSTIÇA

Eu não gosto de cafetões. O cara tem que ser muito filho da puta para explorar uma mulher desse jeito, como prostituta.

A cidade está cheia, o país está cheio, o mundo está cheio de homens que vivem às custas de mulheres, mas elas não são putas, trabalham em lojas, são domésticas, são funcionárias públicas, são professoras, não são putas. E esses merdas não são cafetões, são parasitas, o que é menos grave.

E tem cafetão que bate na mulher que ele explora. O puto deve ser sádico, gosta de infligir sofrimento na mulher que ele explora, gosta de fazer o mal, sente prazer em ver o sofrimento da mulher que caftiniza. Sádico e ganancioso.

Eu estou na polícia há algum tempo, trabalhando na delegacia de polícia que trata dos chamados "crimes contra a dignidade sexual". A delegada é uma mulher, aliás o chefe de polícia é uma mulher, as mulheres estão conseguindo posições de mando e de poder. Acho isso bom.

Falei com a minha delegada.

"Doutora Mirtes", o nome dela é Mirtes, não é um bom nome para delegada de polícia, mas a culpa não é dela, "doutora Mirtes, nunca conseguimos condenar um único cafetão, desses que batem nas mulheres. Confesso que isso me frustra, me deixa muito irritado".

A delegada me explicou que durante as investigações criminais as mulheres

negavam ter sofrido qualquer violência por parte dos cafetões, mentiam dizendo que tinham caído da escada ou batido com o rosto na porta, sempre escusando o filho da puta. Enfim, mesmo se a delegada enviasse o inquérito para um juizado, o acusado seria absolvido.

E a delegada pegava o código de processo penal e lia: "Quando resta provado que o acusado não é autor do fato típico ou quando sobre ele incide uma ou mais excludentes de culpabilidade ou antijuridicidade; a absolvição libera o acusado de quaisquer obrigações com o Estado ou com qualquer parte do processo."

Eu não queria realizar o que já tinha feito anteriormente, mas vi que não tinha outra alternativa.

Procurei o primeiro cafetão sádico absolvido, em sua casa. Havia três mulheres lá. O puto explorava várias. Isso é comum. Como disse, além de sádicos eles são gananciosos.

"Ah, o tira veio me ver? Estou livre feito um passarinho", ele disse. "Pode dar o fora daqui, ou vou dar queixa, violência policial é crime, dá o fora, tira."

O puto era arrogante.

Tirei o meu .45 do coldre, atarraxei o silenciador no cano e encostei na cara dele.

"Pede penico, seu puto, sei que você está encagaçado mas tem vergonha de mostrar a sua covardia na frente das suas garotas."

Ele ficou calado.

Dei um tiro nos colhões dele. O puto desmaiou. Dei outro tiro, agora nos cornos do puto.

"Olha aqui, meninas, vou ficar de olho em vocês, se não deixarem de se prostituir eu arrebento o crânio de todas como fiz com esse puto. Entenderam? Vocês vão começar hoje mesmo a procurar um emprego decente. Peguem as suas coisas e caiam fora deste lugar nojento. Lembrem-se: estou de olho em vocês", disse isso encostando a pistola com força nas costelas delas.

Esse não foi o primeiro que eu liquidei. Antes eu matei o cara que era o cafetão da minha irmã. Fiz o mesmo com ele. Um tiro nos colhões e outro na cabeça.

Hoje a minha irmã trabalha numa loja como balconista e casou com um cara legal.

Já tenho outro na lista. O puto foi absolvido. Amanhã vou lhe fazer uma visitinha.

ATRAÇÃO

Só gosto de mulher casada. Sou adúltero? Não, adultério é a transgressão da regra de fidelidade conjugal imposta aos cônjuges pelo contrato matrimonial, cujo princípio consiste em não se manterem relações carnais com outrem fora do casamento. Eu não sou cônjuge (odeio essa palavra, mas consorte também é uma droga), e não sendo casado não posso ser adúltero. Não que eu me incomode com isso, essas regras morais são uma merda, têm origens religiosas e nós sabemos que religião foi feita para escravizar as pessoas.

Mas voltando ao que interessa, a mulher casada tem um mistério, uma unicidade, uma mulher casada não se assemelha a outra mulher casada, cada uma tem algo secreto, escondido, um segredo não repartido com outra. Uma mulher solteira é igual a toda mulher solteira. O rosto pode ser diferente, cor do cabelo, o corpo, a idade, mas no fundo as mulheres solteiras são de uma monótona equivalência.

Não tenho relações sexuais com uma mulher solteira desde os 18 anos, quando deixei de ser um adolescente idiota.

Hoje tenho trinta anos e sei usar todas as técnicas de abordagem.

A primeira regra é abordar sem abalroar. Ou seja, não aperte a mulher de encontro à parede, simbolicamente falando.

A segunda é ser dócil.

A terceira é ser inocente, demonstrar candura.

A quarta é ouvir mais do que falar. Mulher casada adora falar e ser ouvida. O marido não presta atenção ao que ela quer dizer. E quando a mulher que está na sua mira fala você ouve e vez por outra diz uma palavra que demonstre que está acompanhado interessado o que ela diz. Vai chegar um momento em que ela vai falar mal do marido, toda mulher fala mal do marido. Você ouve, mas não faz comentários.

Encontrei a atual eleita numa livraria. É um bom lugar para encontrar mulheres casadas. O marido acredita que não tem perigo a mulher dele ir a uma livraria sozinha. Todo marido é um bestalhão. O sujeito que se casa tem que ser um bestalhão.

Fingi que olhava a lombada dos livros, mas na verdade contemplava o corpo dela, que, distraída lendo um livro, não percebia o meu interesse. Depois de olhar o seu belo corpo e o rosto (diga-se de passagem que o corpo é mais importante do que o rosto, na cama o que se destaca é o corpo, seios, ventre, vagina, nádegas, coxas), olhei as mãos. Lá estava, brilhando como uma estrela-d'alva, um anel de ouro e brilhantes, típico das mulheres casadas.

O exemplar que ela tinha nas mãos era *Livro de mágoas*, de Florbela Espanca.

Aproximei-me e disse:

"A língua portuguesa é uma das mais ricas do mundo. Por isso tem grandes poetas. Tanto em Portugal quanto no Brasil. Florbela Espanca viveu apenas 36 anos, uma vida inquieta e cheia de sofrimentos íntimos."

Fingi que estava constrangido.

"Desculpe tê-la incomodado com esses detalhes, é uma velha mania de professor, no meu caso, de literatura."

Ela sorriu.

"Não se preocupe, não houve qualquer incômodo. Quem são os seus poetas de língua portuguesa preferidos, no Brasil e em Portugal?"

Então me exibi. Todo homem que se preza é um exibicionista.

"No Brasil Drummond, João Cabral, Cecília Meireles, Cruz e Sousa, Mário

Quintana, Bandeira, Augusto dos Anjos e outros, muitos outros. Em Portugal, Pessoa, Antônio Botto, a Florbela, é claro, Cesário Verde, Maria Teresa Horta, Mário de Sá-Carneiro, Sophia de Mello Breyner Andresen, podia encher várias páginas de nomes... Alguém já disse que Portugal é um país de poetas."

Apresentei-me.

"Meu nome é Henrique."

"O meu é Laura."

A sedução de Laura foi demorada. A mais demorada de todas. Ela não falava muito, gostava de ler, poesia principalmente.

Demorou mas eu consegui. Sou um homem paciente, persistente. E valeu a pena. Nunca me senti tão bem perto de uma mulher, fosse na cama, no bar, na livraria, andando na rua, fosse onde fosse, Laura encantava-me cada vez mais.

Mas um dia... Um dia... Nem sei como contar isso. Uma coisa chocante, horrível, aconteceu.

Estávamos na livraria quando Laura me perguntou:

"Você já pensou em se casar?"

"Não, não, prefiro ficar solteiro."

"Eu também."

"O que foi que você disse?"

"Eu disse eu também. Por que você ficou tão nervoso?"

"Você é solteira?"

"Sou."

Por momentos fiquei tão perturbado que não sabia o que dizer nem o que pensar.

"É solteira? Solteira?"

"Sim, sou solteira. Por que você está tão pálido? Está se sentindo mal?"

Eu estava pálido, sofrendo, porque descobrira que Laura era solteira, e eu a amava, mas eu não podia amar uma mulher solteira, isso era um absurdo, eu só gostava de mulheres casadas.

Fiquei mudo. Não sabia se chorava ou se dava socos na parede.

Dei um soco na parede.

“O que é isso, Henrique?”, perguntou Laura.

O atendente me olhava assustado.

“Não podemos continuar juntos”, eu disse.

“Por quê? Eu te amo, você disse que me ama.”

Fiquei calado algum tempo, então tive uma ideia genial.

“Você quer casar comigo?”

“Claro, eu te amo.”

Naquele dia mesmo providenciei tudo.

Eu e Laura nos casamos. Ficou tudo uma maravilha. Como eu disse, só gosto de mulher casada.

E vivemos felizes para sempre.

SUZY

Éramos quatro na sala. Eu — meu nome é Rui —, Sebastião, Evaristo e Suzy, que tinha uns 14 ou 15 anos. Eu não sei a idade dela ao certo, nem sua mãe nem seu pai sabiam.

O pai, meu irmão Ricardo, morreu assassinado, e antes de morrer me pediu que tomasse conta da filha.

"Rui", ele me disse, "cuida da sua sobrinha, você é a única pessoa que ela tem no mundo".

A mãe, uma viciada em heroína, havia morrido um mês antes, de overdose. A bomba acabou estourando na minha mão. Eu e Sebastião planejávamos a nossa viagem a São Paulo, para dar um golpe. Evaristo não estava no esquema. Eu não gostava da maneira que ele olhava para Suzy. Ele era um tarado, já cumprira pena por estupro.

"Acho que o Evaristo devia ir com a gente", eu disse.

"Pirou? Não dá para ele ir", disse Sebastião.

"Por quê?"

"Você sabe por quê."

Eu sabia. Evaristo, além de tudo, era um trapalhão, ia estragar o nosso trabalho.

“Podíamos ir e voltar de avião”, eu disse, pensando em Suzy.

“Não estou te entendendo. E a mala cheia de dólares? Onde a gente vai colocar?”

Sebastião tinha razão.

“Suzy, fica em casa e não abre a porta para ninguém”, recomendei, dando-lhe a minha chave. “Para ninguém, ouviu? Ninguém, sabe o que é ninguém? Para nenhuma pessoa, nem se for o Papai Noel.”

“Papai Noel só aparece no Natal”, Suzy disse.

Ela gostava de fazer esse tipo de graça.

“Vamos embora”, resolvi.

Evaristo continuou sentado.

“Vamos, Evaristo, vamos embora, porra!”, exclamei, irritado.

Antes de sairmos eu disse para Suzy:

“Tranca a casa. A geladeira e o freezer estão cheios de comida.”

O carro estava na porta.

“A gente se vê”, disse Evaristo, se afastando.

Eu e Sebastião entramos no carro.

“Não confio nesse cara”, eu disse. “Ele é perigoso, traiçoeiro, já matou uma mulher que estuprou, não sei como não está na cadeia.”

“Nem eu. Ele tinha que receber uma pena de prisão perpétua, pior ainda, cadeira elétrica”, disse Sebastião.

“Vamos rifar esse crápula”, propus. “É um falsário hábil, mas a gente arranja outro.”

Eu fui dirigindo.

Várias vezes, na estrada, Sebastião segurou no meu braço dizendo:

“Você está correndo muito, diminui a marcha, por favor, 140, caramba!”

Eu pensava em Suzy, a minha sobrinha sendo estuprada pelo Evaristo canalha.

Demoramos pouco mais de quatro horas para chegar a São Paulo.

“A artilharia está na mala”, disse Sebastião.

“Bastam as duas Glocks”, observei, “deixa a metralhadora escondida”.

Sebastião pegou as pistolas que estavam na mala. A Negev NG7 continuou escondida. Ele pegou também uma mala preta, vazia.

"Você tem o endereço?", perguntou Sebastião.

"Este aqui. Apartamento 123."

Mostrei ao Sebastião um papel com o endereço.

"Quantos caras nós vamos encontrar lá?"

"Dois. Tomando conta de grana. O pó já foi entregue."

Fomos andando pela rua.

"Você já cheirou?", perguntou Sebastião.

"Não. Você dá uma cheirada, depois dá outra, e mais outra e mais outra e acaba se fodendo em copas."

Chegamos no prédio. Não havia porteiro. Pelo interfone ligamos para o apartamento 123.

"Sim?"

"Aqui é da telefônica. Meu nome é Souza, inscrição 44403. Eu e o meu auxiliar podemos subir? É um conserto rápido, se não for feito o seu telefone vai parar de funcionar."

"Pode subir", disse a voz que atendera o interfone.

No elevador eu disse: "Sebastião, põe a Glock em modo automático."

Nesta técnica, retira-se da Glock uma peça chamada armadilha, que prende o cão à retaguarda a cada disparo. Sem a armadilha, o cão volta junto com o ferrolho, acionando o percursor, que por sua vez aciona o culote da munição e consequentemente a espoleta; a queima da espoleta queima a pólvora do cartucho e ocasiona a expansão dos gases e a projeção do projétil.

Tocamos a campainha do 123.

Um cara abriu a porta com um revólver na mão. Sebastião atirou e o sujeito caiu no chão. O outro que estava na sala tentou tirar a arma de um coldre que carregava a tiracolo e foi a minha vez de chumbar o camarada.

"Onde está a grana? Onde está a porra da grana?" Eu estava nervoso, pensando em Suzy sendo estuprada, sofrendo uma agonia mortal.

“Calma, Rui, calma.”

Fui revirando tudo até que afinal achamos a grana. Estava sob o colchão. Puta merda, sob o colchão? Era muito dinheiro. Muitos e muitos dólares, só notas de cem. Devia chegar a um milhão. Colocamos tudo na mala, fechamos a porta e saímos.

Pegamos o carro.

“Tudo deu certo, não deu, Rui?”

“Preferia não ter matado aqueles dois caras.”

“Ossos do ofício.”

Chegamos no local em que estava o carro.

“Agora eu dirijo”, disse Sebastião.

“Você é muito mole”, retruquei. “Nós estamos com pressa”, eu disse, pensando em Suzy, a minha sobrinha sendo estuprada pelo tarado do Evaristo.

“Com pressa? Está tudo resolvido.”

“Não está, porra, não está!”, gritei. Eu pensava em Suzy, a pobrezinha sofrendo.

Estávamos no meio da estrada, já dirigíamos havia cerca de duas horas quando o carro pifou.

O carro não pegava e eu dizia palvrões e dava socos no volante, irritado.

Empunhei a pistola e disse para Sebastião:

Vou fazer um carro parar, se não parar mato o filho da puta.

“Calma, Rui. Deixa ver se eu consigo.”

Sebastião sentou no volante e em poucos segundos o motor do carro voltou a funcionar. Nervosismo é uma merda, a excitação nervosa, a ansiedade é uma agonia, pega em gente, bicho, máquina.

Afinal chegamos ao Rio.

Subi para o meu apartamento correndo, bati na porta.

Suzy abriu.

“Que bom que você chegou, titio. O sorvete tinha acabado, mas eu não saí para comprar, fiz o que você mandou.”

Sebastião entrou carregando a mala cheia de dólares.

“Vou dar uma saída com a Suzy para comprar sorvete”, eu disse.

“Traz um de pistache para mim”, disse Sebastião, desabando sobre uma poltrona.

QUEM VÊ CARA NÃO VÊ CORAÇÃO

Meu nome é João, moro no morro, num barraco que era do meu avô, não me lembro do meu pai, nem da minha mãe, nem da minha avó, tenho cara de bobo, mas sou esperto. É uma burrice pensar que alguém pode dizer alguma coisa pelo rosto de uma pessoa. Havia uma teoria antigamente que pretendia explicar cientificamente, mas foi desmoralizada. Na verdade, como dizem os filósofos, quem vê cara não vê coração. Eu acrescento, quem vê cara não vê nada. Mas as pessoas continuam acreditando nessa balela. E todo safado quer me passar a perna. Antigamente eu reclamava, hoje não reclamo, finjo que sou mesmo otário e acredito na peta e aproveito para dar o golpe no espertalhão. Sou ignorante, isso eu sou, só cursei o primário e minhas notas eram péssimas, com exceção do português, que só tirava nota dez. Acho que estava apaixonado pela professora, dona Eurídice. Ela usava óculos, mas era muito bonita. Todo mundo pensa que é melhor do que é na realidade. Enfim, hoje vou encontrar um espertalhaço — essa palavra existe sim, sou bom em palavras, já disse —; o vigarista disse que me vendia um carro usado em ótimo estado. O preço era de um carro novo, mas devia ter rodado mais que baiana no Carnaval. Eu disse para ele, antes de pagar, quero dar uma volta. Ele me deu a chave, eu entrei no carro e sumi. O trapaceiro deve estar esperando até hoje eu aparecer. Vendi o carro por um preço justo. Esta foi a primeira vez que usei em meu proveito a minha cara de idiota. A segunda

vez um sujeito gordo, de bigode e cabeleira postiça — é fácil sacar que a cabeleira é postiça, os cabelos ficam muito certinhos alinhados na cabeça, que nem no tempo do anúncio no rádio dura lex, sed lex, no cabelo só Gumex, uma coisa que o meu avô disse que usava no cabelo quando era adolescente, isto deve ter sido no tempo do onça, mas a cabeleira do gordo não tinha Gumex, mesmo porque essa porcaria não tem mais nas farmácias. O gordo chegou para mim e disse, meu filho, eu estou doente das pernas e a fila nos caixas dos bancos está enorme, você poderia receber este cheque para mim? Claro, respondi. Você tem carteira de identidade? Tenho. Então coloque o seu nome neste espaço. Deus te abençoe, meu filho, vou te esperar no botequim da esquina. O banco estava mesmo cheio, eu fiquei na fila e recebi a grana do gordo. Vi que ele estava tomando cerveja no boteco. Saí sub-repticiamente — esta palavra também quem me ensinou foi a dona Eurídice, a minha professora de português que usava óculos e era linda, sub-repticiamente significa de maneira furtiva, ou seja, sem que o gordo percebesse —, aquele cheque tinha uma podridão qualquer e por isso o gordo não quis colocar seu nome nele, mas eu também não coloquei o meu, inventei um nome, sabendo que o caixa olharia a minha cara e nem conferiria coisa alguma, aquele bobo não podia estar dando um trambique. Era uma bolada, caramba, eu nunca tinha visto tanto dinheiro. Fui para casa, mas pelo caminho dei uma boa esmola pro cego e outra boa esmola pro aleijadinho, pro cego eu disse, colocando as notas na mão dele, seu Estevão, é muito dinheiro, cuidado, pro aleijadinho eu não precisei dizer nada, ele ficou boquiaberto vendo o tutu que eu pus na mão dele. Pra falar a verdade, a grana que surrupiei do gordo não era tanta assim, depois de dar uma parte para os meus amigos pés-rapados só sobrou para eu comprar um par de tênis, que aliás eu estava precisando. Também me preocupo com bichos, quer dizer, bichos pequenos, não estou pensando em elefantes, nem leões, hipopótamos, rinocerontes, eles nem existem onde eu moro, gosto muito de cavalo, acho ele bonito como um príncipe, mas não cabe no meu barraco, estou falando de gatos e cachorros e passarinhos e sapos, eu sei quando um sapo está com problemas, onde eu moro, aqui no

morro, tem umas valas, uma espécie de fosso, que quando chove muito um ou dois sapos ficam presos e se não forem tirados morrem, o fosso enche de porcarias e o sapo acaba morrendo. Esses caras supersticiosos dizem que os sapos são venenosos, devem ser venenosos para quem maltrata eles. Quando chega sua época de reprodução, os sapos coaxam para atrair as fêmeas. Acho bonito o cântico de amor deles. Amor é sempre uma coisa bonita, eu ainda não experimentei, mas sei. Tambem já salvei muitos passarinhos, aqui no morro os moleques usam atiradeiras para matar passarinho, quando vejo um deles fazendo isso eu encho o safado de porrada. Tomar conta de passarinho machucado é difícil pra burro. O bicho mais fácil é o cachorro. Bem, eu precisava arranjar mais dinheiro. Aqui no morro eu tenho um amigo, o Zé Gororoba. Diziam que ele era medroso, cachaceiro e batedor de carteira. Fui batedor de carteira, não sou mais, ele me disse, essa merda do reumatismo acabou comigo, o meu é brabo, ferrou com os meus tendões, articulações, músculos, até febre me deu. Se não fosse o que eu ganho com a minha aposentadoria por invalidez eu morria de fome, e o barraco é meu. A Zulmira me deu um pé na bunda, disse que eu não era homem, que não ficava de pau duro, é verdade, eu fico com tudo duro, juntas, dedos, tudo, menos o pau. Você me ensina a bater carteira?, perguntei. É dificil, mas você tem uma vantagem, com essa cara de bobalhão o pato não vai desconfiar de você. Pato? Pato é o cara que você vai enganar, o nome dele é pato, sacou? Bem, pimeiro é preciso escolher o local, o metrô, o ônibus, tem que estar cheio, na hora de mais movimento, ônibus é melhor, cheio de gente em pé, dá uns solavancos que ajudam. Você deve carregar uma coisa, uma jaqueta nos braços pra cobrir as suas mãos. É comum os batedores de carteira agirem em dupla, mas eu sempre agi sozinho e de qualquer forma não tenho nenhum nome para lhe indicar. Você se aproxima do pato, estuda a figura, o ônibus está lotado, lembre-se de um troço importante, os homens carregam a carteira no bolso do lado direito da calça.Você espera um solavanco, dá um leve encontrão no pato e nesse momento tira a carteira dele. Outra coisa, você deve se livrar da carteira o mais rápido possível, depois de apanhar a grana que estiver nela. Festa tambem é um

bom lugar, e locais frequentados por turistas. Mas você precisa treinar. Você vai tirar a carteira do meu bolso sem que eu sinta a sua mão. Anda, vamos lá. Tirei a carteira do bolso do Zé Gororoba, bem de leve, ele nem deve ter sentido a minha mão. Puta merda, João, você quase rasga a minha roupa. Vamos novamente. Fiquei treinando mais de dois meses, o dia inteiro, todos os dias, até que o Zé Gororoba disse, João, você está pronto, pode meter a cara. Peguei o ônibus às seis da tarde. Estava um calor do cão. Perto de mim estava uma mulher quarentona, uma cara infeliz, e a pateta tinha deixado a bolsa aberta. Moleza tirar grana dela, mas eu não ia fazer uma coisa dessas com aquela mulher, ela devia trabalhar a tarde toda e agora ia para casa fazer o jantar para o puto do marido e os filhos. Minha senhora, a sua bolsa está aberta, eu disse. Muito obrigado, ela respondeu, sou maluca, logo hoje que recebi o pagamento do mês eu deixo a bolsa aberta. Mais adiante havia um sujeito de bigodinho aparado, odeio sujeitos de bigodinho. Aproximei-me dele com a minha jaqueta nos braços e no primeiro solavanco, esses ônibus são uma merda, graças a Deus, quando o motorista, que é outra merda, dá uma freada, o ônibus sacode como se fosse tombar. Peguei a carteira do bigodinho, afastei-me, com as mãos escondidas pela jaqueta, retirei todo o dinheiro e joguei a carteira debaixo de um banco onde duas mulheres gordas estavam sentadas. Ultimamente só vejo mulheres gordas, em todo lugar, mulheres gordas nas ruas, mulheres gordas nos shoppings, mulheres gordas nos botecos, mulheres gordas nos morros, mulheres gordas pobres, mulheres gordas remediadas, mulheres gordas pretas, mulheres gordas mulatas, mulheres gordas brancas, alguém precisa me explicar o que está acontecendo. Naquele dia fiz somente aquela jogada com o homem do bigodinho. Fui para casa, procurei o Zé Gororoba e dei a ele metade do dinheiro. Zé, aqui está metade, eu disse. O que é isto? Metade? Tá maluco, João, você tem que me dar no máximo um terço, sacou? Um terço? Sei lá que merda é um terço, não sei nada de aritmética, não sei multiplicar acima de sete, sete vezes sete?, não tenho a menor ideia, o meu negócio é português. Qual foi o total? Zé Gororoba perguntou. Então um terço é 25. Durante algum tempo batia uma carteira por dia. Só de homem. Mulher que

anda de ônibus é uma pobre-diabo. Eu disse que gosto de bicho, mas gosto também de mulher, não das gordas, mas sou tímido e acho que elas não gostam da minha cara de palerma, mulher gosta de homem com cara de esperto. Ganhando mais dinheiro aumentei também o número da turma que eu podia ajudar. Além do ceguinho Estevão e do aleijadinho conhecido como Pirolito, acho que esqueci de dizer antes o nome dele, não gosto desse nome, mas agora é tarde para mudar, ele tem uns oitenta anos, além desses dois eu passei a dar uma mãozinha pra dona Benedita, que tinha um negócio nas pernas que não deixava ela andar, e para o Bolão, não sei qual o seu nome, ele era diabético e já tinha perdido um braço, essa doença ataca muito os obesos, e o Bolão tinha que tomar insulina, então eu passei a dar dinheiro para ele comprar o remédio e um aparelho para fazer a aplicação. Ainda sobrava um dinheirinho para mim e fui ao dentista para obturar os meus dentes cariados. Depois de algum tempo desenvolvi uma tal habilidade que passei a bater de três a quatro carteiras por dia. Só de homem, mulher não. O Zé Gororoba me disse, maneira, João, o segredo do sucesso, como disse um famoso filósofo cujo nome não recordo, o segredo do sucesso é maneirar. Com essa palavra, que a dona Eurídice, a minha linda professora, disse anos atrás que não existia, com essa palavra o Zé Gororoba queria dizer para eu não exagerar. Então segui o conselho do Zé Gororoba e decidi maneirar. Além de tudo, o Zé Gororoba disse que não queria que eu lhe desse nem mais um tostão. Chega, João, agora neres de pitibiriba. Então passei a bater carteira apenas às terças, quintas e sábados, o Zé Gororoba perguntou por que não às segundas, quartas e sextas. Respondi, como disse um filósofo, é melhor errar do que deixar de escolher, claro que eu inventei esse filósofo, como o Zé Gororoba inventara o dele. Sou muito sortudo. Só pego carteira cheia de grana, como tem sujeito distraído nesse mundo! Mudei para um barraco com laje e no sábado vou dar uma festa, já convidei a menina que eu quero namorar, o nome dela é Kelly. Nesse sábado eu vou tirar uma folga. Estou pensando em convidar a Kelly para ser minha noiva. Tenho um trabalho garantido, seguro, minha vida mudou. Quer dizer, tudo mudou, mas continuo

com cara de bobo.

O BRINCO DE PÉROLA

Nunca quis receber adiantamento, isso que no métier literário se chama advance. Mas recebi para escrever um conto.

Escrever é uma coisa simples e fácil, é usar sinais (letras, palavras etc.) para exprimir uma ideia, um conhecimento, uma informação, uma opinião, um plano.

Mas neste momento, e já há algum tempo, não tenho nenhuma ideia para escrever algo fictício. E já gastei o adiantamento. Mulheres, ah, as mulheres. Não foi com putas que eu gastei o dinheiro (era uma boa bolada), eu não gosto de puta, nunca fui para a cama com uma puta. Gastei o dinheiro com uma mulher séria. Mas estou chegando à conclusão de que foder puta fica mais barato do que foder mulher séria. E que diabo é mulher séria? Sou mesmo um escritor de merda, nem sei definir os personagens, reais ou fictícios, dos meus textos. Mulher séria é a mulher que não vai para a cama com estranhos. Definição apenas razoável, mas não vou perder tempo com preocupações dicionaristas, tenho que escrever uma peça de ficção. E na verdade ando meio confuso, às vezes não sei se estou numa quarta ou numa quinta-feira.

Eu podia escrever qualquer porcaria, por exemplo, a história de um homem casado que se apaixona por uma mulher casada. O problema é que sou um escritor com certo prestígio, não posso decepcionar os meus leitores. Nem quero

decepcionar o meu editor, e por editor me refiro à pessoa que faz a edição, uma mulher muito competente; quanto ao dono da editora, eu quero que ele se foda.

Já fumei um charuto, tomei dois uísques puros e bati com a cabeça na parede. Quando fico nervoso eu bato com a cabeça na parede. Minha mãe disse que eu comecei a fazer isso quando tinha 12 anos. É bom, me faz bem. Eu ponho uma toalha na parede e bato com a cabeça na toalha.

Quando bati com a cabeça na parede pensei: por que não escrever a história de um homem casado apaixonado por uma mulher casada? Puta merda, estou ficando maluco? Esta é a MINHA história. Eu sou casado, e a mulher por quem estou apaixonado também é casada. Sim, foi com ela que eu gastei o advance. Comprei uma joia, mulheres adoram joias, uns brincos de diamantes. E os maridos não sabem quais joias as mulheres têm. Brincos? Nós nem olhamos os brincos que elas estão usando.

Então entrou na minha cabeça uma dúvida perturbadora. Eu olho os brincos que a minha mulher está usando? Será que a minha mulher tem um amante?

Bati com a cabeça na parede. Mas não adiantou muito.

Mulheres e homens casados terem amantes é muito comum hoje em dia. Antigamente quem tinha amantes era o homem, a mulher ficava tomando conta da casa e fazendo tricô. Mas hoje a coisa está dividida.

Eu tenho uma unha do pé encravada. Minha podóloga, que fala sem parar, igual aos barbeiros, uma coisa insuportável, disse que unha encravada pode resultar de inúmeros fatores, mas sapatos inadequados e unhas não cortadas corretamente são as causas mais comuns. E que esse é o meu caso, eu uso sapatos impróprios para os meus pés.

Mas a parte importante e demorada da sua conversa não foi sobre unha encravada.

"O senhor é casado?"

"Não, sou solteiro."

"Aqui vêm muitas mulheres casadas fazer as unhas, além de podóloga eu sou manicure, e elas, essas clientes, ficam falando no celular segurando o aparelho

com a mão que não está sendo manicurada, e eu ouço as fofocas que fazem com as amigas. Ignoram a minha presença, isso é muito comum entre as grã-finas ricas: empregadas e outros seres inferiores são invisíveis para elas. Mas elas só falam dos namorados. É assim que elas chamam os amantes. Eu estou namorando o Gabriel, fulana está namorado sicrano etc. Ainda bem que o senhor não é casado, se fosse sua mulher estaria namorado um sujeito e você não saberia de nada. É o meu caso, prefiro não casar a ser corneada."

Minha podóloga é gorda, feia e tem um buço que ela remove com cera quente, mas fica sempre um resquício, um leve fragmento. Deve ser difícil para ela arranjar um namorado.

Saí da podóloga com a pulga atrás da orelha.

Pulga atrás da orelha: eu jamais usaria essa expressão idiota para falar de uma suspeição sem fundamento, uma conjectura paranoica. Não sei por que veio à minha mente a linda pintura de Vermeer, *Moça com brinco de pérola*, que tive o prazer de contemplar encantado quando estive em Haia. A minha mulher tinha um brinco de pérola, mas me disse que a pérola era falsa.

Quando fiquei sozinho em casa fui ver as joias nas gavetas da Miriam — esse é o nome da minha mulher — e fiquei bobo com a quantidade de adornos que encontrei. Caixas e mais caixas com brincos, colares, pulseiras, anéis, nem sei os nomes de todas aquelas coisas. O brinco de pérola estava numa caixa preta, que eu coloquei no bolso, e saí rapidamente.

Fui ao joalheiro.

Esse brinco é de pérola verdadeira?

Ele colocou uma espécie de monóculo duplo no olho. Depois de examinar a pérola disse:

"Não é uma pérola, é um enfeite fingindo ser pérola."

Perguntei se devia alguma coisa pela consulta, eu estava tão feliz que pagaria o que ele quisesse. Ele disse que não. Agradeci apertando a mão dele com força.

Chegando em casa guardei a caixa na gaveta da Miriam.

Ela demorou a chegar. Era comum Miriam passar as tardes inteiras fora de casa, visitando lojas. Eu já estava acostumado com isso.

Quando Miriam entrou em casa eu notei que ela estava com um brinco de pérola.

"Você tem dois brincos de pérola?"

"Um só. Puro enfeite", disse ela.

A orelha de Miriam parecia a da garota de Vermeer.

Fui na gaveta do quarto da Miriam e peguei a caixa com o brinco falso.

"E esse aqui?"

Miriam empalideceu.

"Não sei o que é isso...", balbuciou.

Agarrei Miriam pelas orelhas e arranquei os brincos. Aquelas pérolas eram legítimas, qualquer pessoa perceberia.

As orelhas de Miriam sangravam. Coloquei as duas mãos em volta do seu pescoço e apertei.

"Você saía todas as tardes, ia encontrar seu amante..."

Miriam caiu no chão. Vi pela sua cara que ela estava morta.

Fiquei pensando como descreveria o que ocorrera.

Decidi bater com a cabeça na parede. Bati.

Miriam morrera por asfixia, um fenômeno causado pelo impedimento da passagem do ar pelas vias respiratórias, resultando em uma alteração bioquímica do sangue, inibindo a hematose — transformação do sangue venoso em sangue arterial —, o que pode levar o indivíduo à morte.

Esta frase está uma merda. Para que esses detalhes? Por que não dizer simplesmente: Miriam morrera estrangulada?

Bati novamene com a cabeça na parede.

O COLECIONADOR

Tenho a mania de colecionar coisas. Não preciso trabalhar nem fazer economias, tenho muito dinheiro, herdado, é claro, nunca trabalhei para ganhar dinheiro. Eu trabalho para gastar dinheiro.

Comecei com filatelia. Para quem não sabe o que é isso, filatelia é colecionar selos postais. A internet está acabando com este hobby, ninguém mais escreve cartas, só e-mails. A internet prejudicou muito mais coisas, as pessoas estão deixando de ler, de se encontrar, enfim, não quero falar disso.

Eu quis que a minha coleção filatélica fosse das melhores. Consegui um Olho de Boi, o primeiro selo impresso no Brasil, por determinação do governo imperial brasileiro, em 1843. O imperador era d. Pedro II, o pai dele, também d. Pedro, havia abdicado do trono em 1831. Não digo quanto paguei pelo Olho de Boi, mas é claro que foi menos do que os milhões de dólares que um sujeito pagou pelo selo americano Imagem do avião *Jenny*.

O filatelista aprende muita coisa em seu trabalho. O selo tinha sido criado na Inglaterra três anos antes do nosso Olho de Boi. A prática da filatelia durante muitos anos foi o mais popular dos passatempos, desfrutado por milhões de pessoas no mundo inteiro.

Chega de falar de selos, eu podia falar horas e horas sobre isso, mas eu não aguento mais. Desfiz-me da minha coleção, com um prejuízo enorme. Como

disse, acabaram as cartas, o fim do selo está próximo.

Mas a mania de colecionar não me abandonou. Um dia zanzando pela internet (sempre ela!) descobri um blog criado para os admiradores de armas de fogo que dizia: "Aqui compartilharemos diversos conhecimentos sobre armas clássicas e modernas. Deixemos de lado qualquer ponto de vista ideológico ou político, nos concentrando apenas nas análises técnicas aqui apresentadas."

Antes de mais nada tive que fazer um requerimento à Polícia Federal provando que tinha mais de 25 anos, tive que anexar comprovantes de residência, recibos de contas de água, luz, telefone, escritura sobre a compra do imóvel onde residia, certidão de casamento (isso eu não tinha, era solteiro), declaração escrita da efetiva necessidade, expondo fatos e circunstâncias que justificariam o pedido, principalmente no tocante ao exercício de atividade profissional de risco ou de ameaça à minha integridade física; comprovação de idoneidade, com a apresentação de certidões negativas de antecedentes criminais fornecidas pelas justiças federal, estadual (incluindo juizados especiais criminais), militar e eleitoral, e atestados declarando não estar respondendo a inquérito policial ou a processo criminal.

Desisti de colecionar armas.

Então resolvi colecionar moedas. Como todos os colecionadores, os de moedas também são pretensiosos. Dizem que a ação do colecionador de moedas denomina-se numismática e tem por objetivo o estudo essencialmente científico das moedas e medalhas.

Resolvi me informar sobre o assunto. Descobri que a numismática faz uso de diversas áreas do conhecimento para estudar as moedas, buscando identificá-las e situá-las no tempo histórico. Porém na atualidade a moeda se tornou, também, um documento histórico, sendo utilizada como "fonte" de dados para pesquisas, pois uma moeda pode facilmente fornecer dados sobre o povo que a cunhou, como tipo de governo, língua, religião, forma como comercializavam, situação da economia e até mesmo grau de sofisticação dos povos — através da análise do método de cunhagem —, e por isso a numismática tem um papel cada vez maior

no estudo da história dos povos.

As moedas metálicas surgiram por volta de 2000 a.C., mas, como não existia um padrão e nem eram certificadas, era necessário pesá-las antes das transações e verificar a sua autenticidade. Só por volta do século VII a.C. é que se procedeu à cunhagem das moedas. Foi a partir da dracma de Atenas que se difundiu por todo o mundo a moeda metálica.

Além de ser algo mais interessante do que colecionar armas, eu não precisava fazer requerimentos, pedir autorizações, me envolver numa irritante burocracia. Além do mais, desde o Império Romano a aristocracia cultivou o interesse de colecionar moedas. Quem coleciona armas? Assaltantes, criminosos de todos os tipos, assassinos psicopatas.

A numismática desenvolveu-se no Brasil principalmente a partir do século XIX, seguindo em parte o modelo europeu. A aristocracia teve papel fundamental para o desenvolvimento da numismática no Brasil, por ser a classe mais instruída e também por ter condições de formar essas coleções, lembrando que na época elas deviam se formar basicamente de moedas greco-romanas. Temos também a contribuição especial do imperador d. Pedro II, amante das artes e da história e que frequentemente fazia viagens ao exterior, donde trazia "lembranças". Enfim, coisa de aristocrata.

Mas, assim como aconteceu com a minha mania filatélica, a numismática também deixou de me dominar. Me desfiz, novamente com grande prejuízo, da minha coleção, que incluía até uma dracma ateniense.

Não sei por quê, até hoje sei que dia 1 de dezembro é o Dia do Numismata e que o padroeiro dos colecionadores é santo Elígio.

Mas eu tinha que colecionar alguma coisa. Era a única coisa que me interessava. Eu não gostava de ler livros, ou ir ao cinema, ou beber, ou comer, de teatro já gostei, mas não gostava mais e, além de tudo, era impotente, não me interessava pelos atos sexuais.

Então, o sujeito que comprou a coleção de moedas falou em colecionadores de quadros de asas de borboleta.

“Asa de borboleta?”

“Isso, asa de borboleta.”

“Coisa estranha. Você conhece algum colecionador?”

“Conheço.”

“Pode me dar o endereço?”

“Não, não posso, o sujeito é um paranoico. Depois que matar borboleta foi considerado contravenção penal — você pode matar vaca, porco, galinha, mas não pode matar borboleta, ou seja, só se pode matar pra comer —, consta que puseram na cadeia vários colecionadores de quadros com asa de borboleta. Então eles sumiram do mercado.”

“Mas eu queria muito entrar em contato com esse colecionador.”

“O nome dele é Paulo. Posso lhe dar o telefone. Diga que fui eu que lhe dei essa informação.”

Liguei para o camarada que se chamava Paulo. Fui logo dizendo:

“Quem me deu o seu telefone foi o doutor Herminio Silva. Eu gostaria de conversar com o senhor.”

“Qual o assunto?”

“Eu costumo fazer coleções, já fiz de selos, possuía um Olho de Boi, colecionei moedas, tive uma dracma ateniense. Gostaria de ver a sua coleção de quadros de asas de borboleta.”

Ele ficou calado. Pensei que havia desligado.

“Alô, alô? Senhor Paulo?”

“Me encontre neste bar”, respondeu ele, dando-me um endereço.

Esperei meia hora pelo sujeito. Ele apareceu meio embuçado. Sentou-se ao meu lado.

“O senhor podia me mostrar sua carteira de identidade?”

“Mostrei.”

Ele ficou me olhando desconfiado.

“O senhor é da polícia?”

“Não, não sou.”

“Venha comigo.”

Andamos duas quadras, o Paulo sempre olhando para ver se estávamos sendo seguidos, e, afinal, depois de muitas voltas entramos num prédio.

Ele morava no décimo andar.

Entramos num apartamento, ele trancou a porta e ficou espiando pelo olho mágico um longo tempo.

Então levou-me para a sala cujas paredes exibiam os quadros com asas de borboleta. Nunca pensei que existissem borboletas como aquelas, com tantas cores.

“Esse”, disse Paulo apontando um quadro grande na parede, “é o *Pancromático*, o meu quadro mais valioso, tem asas de todas as cores, azul, vermelho, amarelo, preto, rosa, cinza, laranja, roxo, vários matizes”.

Fiquei estupefato olhando aquele quadro.

“Minha coleção está parada. Os que montavam os quadros sumiram, o que eu posso fazer? Sair apanhando borboleta? Onde? Borboleta precisa de flor, embora haja quem diga o contrário, a flor é que precisa da borboleta. Mas não importa quem precisa de quem, eu não vejo borboletas pela cidade.”

Aquela sala com as asas de borboleta me fez sentir uma grande felicidade.

“Senhor Paulo, quer vender a coleção para mim? Diga o preço.”

“Vender? Vender? Eu não vendo as minhas asas de borboleta por nenhum dinheiro no mundo. Eu passo os dias aqui dentro e sinto uma espécie de tanscendência metafísica, sinto a presença de Deus, não sei que Deus, Cristo, Maomé, Jeová, não importa, vivo outra vida, entendeu? E quando sentir que vou morrer vou encher esta sala de gasolina e explosivos e vamos, eu e as minhas asas de borboleta, para outra dimensão, entendeu, entendeu?”

Ele falava de forma tão enlouquecida que me assustou. Despedi-me rapidamente.

Fui para casa. Fiquei sentado, sorumbático, numa poltrona. Então lembrei-me de uma cena da peça de Shakespeare em que Hamlet segura o crânio de Yorick, o falecido bobo da corte, e fala sobre os efeitos da morte sobre o corpo. Como fui

me lembrar de algo que havia visto há tanto tempo? Um crânio!

Crânio, isso é que eu devia colecionar, crânios. Uma ideia genial, algo mais proibido do que asa de borboleta! Mas onde, onde achar caveiras para comprar crânios?

Depois de um tempo, descobri o nome do zelador de um cemitério. Não vou dizer os nomes do zelador ou do cemitério. Levei o zelador para almoçar comigo e depois de algum tempo disse que queria comprar um crânio em bom estado.

Ele disse o preço.

"Com todos os dentes", acrescentei.

"Aí fica mais caro."

"Eu pago o que for."

Depois de algum tempo, algumas semanas, o zelador me trouxe o crânio, dentro de uma saca de pano. Era um crânio com todos os dentes, limpo, marfíneo, com um leve e agradável aroma.

Paguei o zelador. Ele foi embora.

Abracei o crânio. Senti uma felicidade maior do que a que sentira na sala das asas de borboleta. Uma sensação sublime, assombrosa. Eu descobrira a coleção perfeita.

O QUE HÁ EM UM NOME?

Não vou dizer o meu nome de batismo. Aos 15 anos quis adotar o nome de Goldie. Mas desisti quando vi que havia uma porção de mulheres esquisitas chamadas Goldie. Então tive uma ideia brilhante: adotei o nome de Alma. Alma é um termo derivado do hebraico *nephesh*, que significa vida ou criatura, e também do latim *animu*, que significa "o que anima".

É um nome bonito, duvido que alguém o ache feio. Feio era o meu nome antigo. Não vou dizer qual era, de jeito nenhum.

Quando adotei o nome Alma, pintei os cabelos de louro. O dourado anima, simboliza vibração elevada, vigor, inteligência superior e nobreza. É a cor da opulência, da luz e da prosperidade. Traz charme e constrói confiança, dá poder, persuasão, energia e inteligência. Senti isso tudo olhando o meu rosto no espelho.

Mas os clientes não gostavam.

"Alma?", disse um deles. "Posso chamar você de Mimi?"

"Mimi, Mimi?!", gritei. "Ponha-se daqui para fora."

Dona Erotildes me chamou.

"Genoveva", ela disse.

"Pelo amor de Deus, dona Erotildes, não me chame por esse nome", pedi.

"Mas é o seu nome."

“Não, não, não, eu já o abandonei há muito tempo.”

“Quero saber por que você brigou com o cliente.”

“Ele me chamou de Mimi.”

“Mas Alma não dá, você não pode trabalhar aqui com esse nome. Alma? Isso não é nome de gente. Outra coisa, você é uma mulher bonita, a mais bonita de todas, mas é a que tem menos clientes. Quando ouvem o nome Alma eles desistem. Olha, Genoveva, temos que mudar o seu nome.”

“Pelo amor de Deus, não me chame de Genoveva.”

“Está bem. Anda, vamos escolher um nome para você.”

Ficaram meia hora vendo nomes. Nenhum foi aceito por nenhuma das duas.

Finalmente dona Erotildes deu um soco na mesa.

“Já decidi. O seu nome vai ser Mimi. É um nome bonito, agradável, sensual, fácil de memorizar. Mimi, seu nome vai ser Mimi.”

“Mimi não, por favor.”

“Será Mimi, ou então vou mandar você embora.”

Mimi chorou muito. Seus olhos chegaram a inchar.

Mas acabou se conformando.

E então, no lupanar de dona Erotildes, a Mimi passou a ser a mais solicitada.

Nome? O que há em um nome?

CONDIÇÃO INSÓLITA

Nunca havia acontecido isso comigo.

Tenho quarenta anos, faço isso desde os 15, ou seja, há 25 anos, 25 anos, repito, e então aconteceu esse, esse fenômeno surpreendente.

O nome da minha namorada na ocasião era Lili. Loura, 28 anos, inteligente, linda de corpo, linda de rosto, de tudo. Então como foi acontecer?

Troquei de namorada. Claro que essa nova tinha que ser morena. Alta, esguia, do jeito que eu gosto, seios pequenos que cabem na palma das mãos, bunda pequena e firme, pernas longas, braços finos, pescoço comprido e um rosto lindo. O nome dela era Querubim.

Aconteceu novamente.

Mas como foi acontecer isso? Eu não bebo, não fumo, não uso drogas. Então lembrei que uma das garotas que eu dispensei disse que ia me rogar uma praga de urubu.

Fui na macumbeira Preta Velha Mãe Joana da Encruzilhada.

"Misifio", disse ela, "praga de urubu não mata cavalo, nem mata beija-flor, praga de urubu só atinge seres humanos, homens, de preferência brancos. Você está com a urucubaca, azar que vem do urubu e sua praga. Coisa séria, misifio. Desiste do que você está fazendo, em vez disso vai plantar flores".

Depois eu soube que misifio significava meu filho, palavra usada na

comunidade das pretas velhas, entidades respeitadas nos terreiros de macumba pela sabedoria dos seus aconselhamentos.

Sabedoria? Plantar flores? A Preta Velha Mãe Joana da Encruzilhada podia ser muito respeitada, mas eu não ia plantar flores. Odeio flores, não dou flores para as minhas namoradas, só joias ou bombons.

Eu não ia desistir de fazer o que estava fazendo.

Mas não conseguia, tentei, mas não consegui.

Lembrei que Querubim é uma criatura sobrenatural. Era isso. Eu tinha que me livrar da Querubim.

Foi o que eu fiz.

Mas não segui o conselho da Preta Velha Mãe Joana da Encruzilhada. Não fui plantar flores. Fui fazer o que eu sabia fazer e gostava de fazer.

Mas novamente não consegui.

Fui ao médico. Doutor Temístocles.

Falei a ele do meu problema.

Sem tirar os óculos o doutor Temístocles disse:

"Deficiência do fluxo sanguíneo."

"Não entendi."

"Deficiência do fluxo sanguíneo para o pênis. Então não ocorre a ereção."

"E tem remédio para isso?"

"Claro. Uma porção deles. Coisas químicas, pílulas, injeções..."

Químicas? O desejo sexual tem que ser uma coisa autêntica, que vem do coração e da mente. Me encher de produtos químicos para fazer amor? O próximo passo seria usar um pênis de plástico.

Paguei a consulta do doutor Temístocles e fui embora.

Será que eu ia ter que plantar flores, como a Preta Velha Mãe Joana da Encruzilhada tinha dito?

Isso também já era demais.

Comprei um revólver. Um tiro na cabeça é mais garantido que veneno.

DEUS E O DIABO

Avenida Atlântica. Senti meu ombro sendo tocado.

Era M.

“Você sumiu”, disse M. “Deixou de...”

“Comprei um sítio na Serra com duas nascentes dentro da propriedade e agora estou criando rãs.”

“Criando rãs? Aquela espécie de sapo?”

“São muito diferentes. Os sapos preferem viver em terra firme e só procuram locais aquáticos quando vão se reproduzir. As rãs...”

“Você cria essa coisa pra quê?”

“Para vender.”

“Quem compra?”

“Restaurantes, açougues... É um alimento muito procurado, por pessoas sofisticadas, evidentemente.”

“Caramba. Tem gente que come essa merda?”

“É uma delícia.”

“Você come?”

“Como, grelhada.”

“Cara, não estou te reconhecendo. Você largou o trabalho para fazer isso?”

“Eu não gostava do que fazia.”

“Qual o problema? A grana não era boa?”

“Eu não gostava.”

“Você sempre dizia que só despachava gente que merecia ir para o inferno.”

“É difícil de explicar. O cara merece ir para o inferno, mas não sou eu que devo fazer isso, entendeu?”

“Me lembro, nas poucas vezes em que trabalhamos juntos, que você dizia ‘em gente inocente não se dá um peteleco’.”

“Claro, gente inocente tem que ser protegida.”

“Você gostava de fazer o serviço sozinho.”

“É verdade. Não gostava de ficar de olho no parceiro.”

“Você ficava de olho no parceiro?”

“Ficava. Para ele não fazer besteira. Você tinha a mania de bater nas pessoas que moravam na casa do sujeito que íamos despachar. Bater na empregada? Eu não deixava. Bater em criança?”

“Você não deixava, eu sei, você não deixava. Lembra daquele cara que fomos despachar no Leblon?”

“Vagamente. Estou tentando esquecer...”

“Tinha uma menina, de uns oito anos, que caiu da janela.”

“Lembro, lembro, ela chorava muito.”

“Quer saber de uma coisa?”

“O quê?”

“Ela não caiu da janela.”

“Como assim?”

“Eu joguei ela lá de cima, numa hora que você estava distraído.”

“Jogou a menininha lá de cima?”

“A pirralha se esborrachou na calçada. Gostei de fazer aquilo.”

Fiquei um tempo calado, ruminando.

“Eu moro neste prédio. Décimo andar. Não quer subir para tomar um drinque?”, perguntei.

“Um uísque? Grande ideia, cara, vamos logo. Este prédio é antigo? Não tem

nem porteiro."

"É muito antigo."

Subimos.

"Você mora sozinho?"

"Moro."

"Apartamento velho mas bacana", disse M. assim que entramos.

"Você precisa ver a vista. A praia, o mar."

Levei-o até a varanda.

"Dá uma olhada", eu disse.

M. era leve. Peguei-o pelas pernas e joguei-o para fora da varanda, para ele se esborrachar lá embaixo.

Ele merecia ir para o inferno. Mas aquela era a última vez que eu ia bancar... Deus? O Diabo? Meu negócio era criar rãs.

FOLIE À DEUX

Todo mundo sente isso. Suspeita. Da namorada, da noiva. Mas se o sujeito é casado essa suspeita é um veneno. Atinge principalmente a cabeça e o coração. Isso se você ama a mulher. Se não ama, você dá o bilhete azul para ela.

Leonel ama sua mulher. E tem notado coisas sutis, delicadas, agudas, penetrantes, sim, penetrantes, vão entrando, vão ficando, vão envenenando. Paranoia? Dizem que paranoia, esse sentimento de desconfiança persistente, é malfundamentado. Leonel não confia nessa conversa de almanaque.

Foi ao psiquiatra. Sim, eu sei, o fato de ele ter um psiquiatra já é um mau sinal. Não interessa. Leonel foi se consultar com o doutor Fleiss.

Ele o ouviu com a mão no queixo, creio que esse gesto, a mão no queixo, é para demonstrar que se está prestando bastante atenção, mas sei que eles, os psiquiatras, enquanto ouvem as lenga-lengas dos doentes estão pensando em seus próprios assuntos. Não interessa.

O doutor Fleiss continuou com a mão no queixo e disse:

"Você está sofrendo de um transtorno conhecido como folie à deux, uma paranoia induzida por outra pessoa, geralmente o cônjuge."

"Que diabo é isso, folie à deux?"

"Loucura a dois, em francês, é uma sintomatologia psicopatológica na qual sintomas psicóticos são compartilhados por duas pessoas, geralmente marido e

mulher. Garanto que a sua mulher também suspeita da sua fidelidade."

Então ele lembrou que certa ocasião a encontrou em seu quarto fuçando as suas gavetas. (Esqueci de dizer que Leonel e a esposa dormem em quartos separados, uma ideia dela, que alegou que essa medida favorecia o amor entre os cônjuges.) Quando notou que ele a havia flagrado pesquisando suas gavetas, ficou muito ruborizada e disse que estava procurando uma meia para mandar cerzir. O problema é que aquela gaveta era de papéis e coisas afins, a gaveta de itens de vestuário estava em outra parte do quarto. Na ocasião Leonel acreditou no que ela disse, que se confundira, mas agora, depois da declaração do doutor Fleiss, veio à mente o rubor na face, e um certo tartamudear, uma hesitação na fala, típica de quem está mentindo.

Leonel decidiu que este sentimento de desconfiança, de suspeita deveria ser solucionado.

Depois do jantar, estavam, Denise e ele — esqueci de dizer que o nome da mulher de Leonel é Denise —, sentados na sala antes de ir cada um para o seu quarto. Ele a segurou pela mão e disse:

"Denise, precisamos esclarecer um assunto sério."

Ela empalideceu, ou pelo menos ele teve essa impressão, ou quis ter essa impressão.

"Assunto sério?"

"Sim, assunto sério."

"Que tipo de assunto sério?"

"O nome é folie à deux."

"O quê?"

Leonel ficou feliz por ela não saber o que era folie à deux.

"Folie à deux significa, em francês, loucura a dois. Foi o que disse o meu psiquiatra, o doutor Fleiss, você sabe quem é ele, não sabe?"

"Sei, um velhinho surdo."

"Ele não é surdo", replicou.

"Então por que usa aparelhos contra surdez nos dois ouvidos?"

“Denise, isso não interessa. O doutor Fleiss disse que folie à deux é uma sintomatologia psicopatológica na qual sintomas psicóticos são compartilhados por duas pessoas, geralmente marido e mulher. Você desconfia que eu estou traindo você com outra mulher?”

Denise demorou algum tempo para responder.

“Sim”, disse ela.

“Eu também desconfiava que você estava me traindo com outro homem. Eu via sintomas em seu comportamento que me levavam a essa suspeita, mas esses indícios, vejo agora, revelavam a sua falta de confiança em mim. Por isso que você estava revistando o meu armário de cartas.”

“Era para ver se havia a carta de alguma amante.”

“Eu não tenho nem nunca tive amantes, juro por tudo que é mais sagrado.”

“Nem eu, Leonel, não tenho nem nunca tive amantes, juro por tudo que é mais sagrado.”

Denise e ele se abraçaram, creio que ela enxugou uma lágrima no rosto.

Cada um foi para o seu quarto.

Leonel deitou e dormiu logo.

Por isso não testemunhou nem nunca soube o que Denise fez no seu quarto.

Ela pegou o celular e fez uma ligação.

“Zé, o Leonel é mesmo um idiota. E tem um psiquiatra, ou psicanalista, uma merda dessas, que é ainda mais idiota, mas que de certa forma nos ajudou com uma teoria cretina. Estou louca para foder com você. Amanhã, sem falta, está bem? Mesma hora e mesmo local.”

OUVIR

"Naquela época os meninos jogavam pião e as meninas bilboquê. Você sabe o que é isso? Não é o peão do xadrez, é com i, pião. O pião tem a forma de pera com uma ponta, o sujeito enrola um cordel em torno dele e depois o aciona desenrolando o cordel com uma manobra e faz o pião girar no chão. O bilboquê é uma bola de madeira com um orifício central presa por uma corda numa peça de madeira com uma ponta. Através do movimento das mãos, esta bola deve ser encaixada na ponta da peça de madeira. Essas coisas são da época em que existia a galinha-d'angola e o porco-espinho. Posso ir embora?"

Ele saiu. Eu devia ter tomado um copo d'água. Minhas amigas tomam água sem parar. É comum eu andar pela rua e ver uma mulher carregando uma garrafinha de água.

Outro entrou.
"Prefiro sentar", ele disse.
"Muito bem", eu disse.
Ele sentou na poltrona e ficou calado.
Eu podia deixar ele ficar calado ou fazer perguntas.
Deixei-o ficar calado.

Depois de algum tempo ele começou a falar.

Ouvi.

“O que devo fazer? Confesso?”

“Não é bem uma confissão”, eu disse.

“É o quê?”

“Uma revelação.”

“Devo revelar?”

“A decisão é sua.”

“O que o senhor faria?”

“A decisão é sua.”

“Quando penso na decisão vejo mais contras que prós.”

Ele definiu o que chamava de contras e o que chamava de prós.

Ouvi.

“A decisão é sua”, repeti.

Ele foi embora.

Então entrou uma mulher.

Elas falam muito.

“O senhor ouviu o que eu disse?”

Então ouvi ela perguntar “Ouviu o que eu disse?”.

“Sim”, respondi.

“Eu ia brigar com ele porque... porque...”

Esperei.

“Nós não... não... o senhor sabe...”

Eu não sabia, mas fiquei calado.

“Ele tem só sessenta anos. Eu tinha ou não tinha que ficar desconfiada? Ou ele não gostava mais de mim, ou tinha uma amante, ou coisa parecida. O senhor me arranja um copo d’água?”

Ela bebeu a água.

“Onde é que eu estava mesmo? Ah, lembrei. Ele não fazia mais nada comigo e

eu então fiquei muito, muito desconfiada. Mas fui tomar chá com as minhas amigas na sexta-feira, chá com torradas, nos sentamos na mesa, somos quatro, e dissemos, hoje vamos comer só uma torrada cada uma, mas acabamos comendo porcarias, brigadeiro, tortas, e olha que todas nós estamos acima do peso normal. Onde eu estava mesmo? Ah, no chá com as amigas. Nesse dia uma de nós comentou que o marido não... não... o senhor sabe o que estou dizendo. Depois outra disse, o meu também não, e o marido da outra também não. Resumindo, nenhum deles... o senhor sabe... nenhum deles. E nesse dia soube que isso acontecia em todos os casamentos, depois de algum tempo... sabe como é, depois de algum tempo todos deixam de... sabe como é...”

Ela se calou por um momento.

“Então achei melhor deixar tudo para lá, sabe como é, parece que é assim mesmo, acontece com todos os casais... os mais antigos... E resolvi não falar coisa alguma com o meu marido.”

Ela abriu a bolsa, tirou um espelho, retocou a pintura.

“O senhor me arranja outro copo d’água?”

A mulher bebeu a água.

A mulher foi embora.

O dia estava encerrado.

Tirei os sapatos, puxei uma banqueta, coloquei-a na frente da cadeira onde eu estava sentado, estiquei as pernas, coloquei pé, calcanhar e panturrilha na banqueta.

Eu não ia deitar naquele sofá.

Tinha que tomar um copo d’água.

UM BOM TRABALHO

Eu sou um ladrão.

Como é que o sujeito se torna um ladrão? A polícia sabe? Não, não sabe. O advogado criminalista sabe? Não, não sabe. O psicólogo sabe? Não, não sabe. O psiquiatra sabe? Não, não sabe. O psicanalista sabe? Não, não sabe. (Dizem que psicanálise é um método terapêutico criado pelo médico austríaco Sigmund Freud que consiste na interpretação dos conteúdos inconscientes de palavras, ações e produções imaginárias de uma pessoa, baseada nas livres associações e na transferência. Mas esses putos também não sabem por que o sujeito se torna um ladrão.)

Pobreza? O sujeito se torna um ladrão porque é pobre? Que besteira, tem mais ladrão rico do que ladrão pobre, está provado que quanto mais dinheiro o sujeito tem mais dinheiro ele quer ter. Esses ladrões que abundam no nosso governo — executivo, principalmente, legislativo e judiciário — roubam sem parar anos seguidos, abrem contas em paraísos fiscais, para eles, para os parentes e para as amantes, principalmente para as amantes, ladrão rico tem amante, sempre.

Distúrbio mental? Eu sou ladrão e não sou maluco, nem tenho qualquer distúrbio mental. E que merda é exatamente isso de distúrbio mental? Cada especialista acha que é uma coisa. Ou seja, é uma porção de coisas. Esses especialistas não sabem porra nenhuma. Quando eu era pequeno esses

especialistas diziam que ovo fazia mal, hoje eles mandam comer ovo todos os dias. Outro dia eu li uma especialista dizendo que árvore não vale nada, não fornece nenhum oxigênio para a atmosfera. Querem saber de uma coisa? Os especialistas que se fodam.

Mas, afinal, por que eu sou um ladrão?

Eu poderia dizer: "Sou ladrão porque nunca tive família, nem pai nem mãe nem ninguém." Mas é mentira, tive pai, mãe, avô, avó, tios, primos, parentes pra caralho.

Sou ladrão porque meu pai era ladrão. Outra mentira, meu pai era um sujeito muito honesto.

Eu comecei como descuidista. O descuidista é quem se aproveita da distração de outrem para roubá-lo. Ou seja, o sujeito teve um descuido e se fodeu.

Depois passei a ser ladrão. Mas só praticava furtos. No furto você se apossa de algo que pertence a outrem usando a esperteza.

Até aí tudo bem. Então passei a praticar roubos. No roubo você comete violência física ou material. Comecei arrombando casas vazias, violência material. Depois casas ocupadas, ameaçando os moradores ou dando um tiro na perna do filho da puta para ele me dizer onde estavam o dinheiro ou as joias.

Essa progressão é natural: descuido, furto, roubo.

Tudo isso é conversa mole para boi dormir. Por que me tornei um ladrão?

Eu me tornei um ladrão porque sou corajoso e me recusei a ter um empreguinho de merda, como a maioria dos covardes. Eu era porteiro de um prédio e ficava abrindo a porta do elevador e depois a porta da rua, dizendo bom dia doutor, fosse qual fosse o filho da puta que estivesse entrando ou saindo do prédio. Um dia pensei: quero que esses caras vão todos para a puta que os pariu. Sendo pobre, feio, tendo apenas o curso primário feito em uma escola pública de merda que passava todo mundo de ano, até os analfabetos — era uma forma daqueles professores filhos da puta mostrarem serviço —, o que eu podia ser?

Ladrão, é claro.

Vivo melhor. Como melhor, durmo melhor. Olha aqui, meu chapa: larga esse

emprego de merda e vai ser ladrão, deixa de ser otário.

HÓSTIAS

Quando eu era pequeno minha mãe me levava à missa todos os domingos. Na missa, acho que no fim, não me lembro bem, eu ia até a beira do altar e o padre colocava uma hóstia na minha boca. Antes de chegar à igreja — nós íamos a pé, a igreja ficava perto de casa — minha mãe dizia várias vezes "você não pode morder a hóstia, você não pode morder a hóstia, se morder a hóstia, quando morrer pode ir para o inferno", e enquanto dizia isso ela apertava o meu ombro com força. Minha mãe era uma mulher grande, gorda. Ela era magra e ficou gorda depois que o meu pai morreu. Eu ficava apavorado na hora da hóstia, suava tanto que o suor pingava do meu nariz e molhava o banco onde eu estava ajoelhado. Quando o padre colocava a hóstia na minha língua, eu fechava a boca e tinha vontade de morrer. A hóstia demorava muito tempo para derreter na minha boca, era um horror.

Meu filho, dizia minha mãe, existem pessoas que discutem qual a melhor maneira de receber a comunhão. Preste atenção, menino, a hóstia tem que ser recebida na boca, na boca, e não na mão, como dizem alguns hereges. Outra coisa, meu filho, precisamos ter cuidado com a presença e a atividade das seitas satânicas. Elas praticam um ritual de culto a Satanás, ao qual atribuem uma transcendência mística, mas tudo não passa de magia negra. Cuidado, meu filho, muito cuidado.

Na verdade eu mal prestava atenção ao que ela dizia, pois não entendia nem a metade.

E quando minha mãe cismava de ir à igreja da Penha o meu pavor aumentava.

Meu filho, estamos no final de outubro. Temos que participar dos festejos da padroeira da Penha. No domingo vamos à missa e para demonstrar o nosso amor a Jesus vamos subir de joelhos os 365 degraus da escadaria da igreja. Depois de assistirmos à missa e recebermos a hóstia nós vamos comer os doces (minha mãe adorava comer doces) e os salgadinhos das inúmeras barracas armadas no gramado em volta do morro e ouvir os músicos tocando aquelas coisas lindas.

Até hoje tenho os joelhos avariados por aquela subida. E minha mãe, para conseguir subir aquelas centenas de degraus, na metade do trajeto apoiava o peso no meu ombro. Era só uma vez por ano, mas o suficiente para me deixar estropiado.

Minha mãe ficou diabética. Fui com ela ao médico. Depois do exame de sangue o médico disse que ela estava diabética, uma doença metabólica, o exame constatara um alto nível de açúcar. A senhora tem que tomar insulina, o remédio que estou lhe recomendando, de acordo com esta prescrição. E tem que fazer uma dieta rigorosa, não pode comer açúcar em nenhuma forma, sob o risco de sofrer doenças cardiovasculares, doenças do fígado, úlceras nos pés... Eu não me lembro de tudo que ele falou, lembro que ele repetia as advertências de maneira enfática.

Porém a minha mãe era viciada em doces. Quando eu via um doce ou uma bala ou um chocolate eu jogava no lixo, pedindo, mamãe, pelo amor de Deus, não coma coisas doces, o médico falou.

Mas ela comia escondido de mim. E aconteceu o que tinha de acontecer: ela teve um enfarto fulminante.

Depois da morte da minha mãe eu continuei indo à missa todos os domingos. Aguardava ansioso o momento em que o padre colocaria a hóstia na minha boca. Mas era uma ansiedade diferente agora. Nem me importava mais com essa

história de não mastigar. Eu estava viciado em hóstia, achava um verdadeiro néctar. Às vezes eu a deixava derreter na boca, outras vezes eu a mastigava. Ia à missa só para isso, para comer hóstias.

E frequentava várias igrejas, sabia a hora exata em que o padre dispensava a hóstia, o que felizmente não ocorria simultaneamente em todas elas.

Quando o papa anunciou que iria a Aparecida do Norte, eu também decidi ir. Mas fui antes dele. Eu soube que estavam sendo fabricadas na basílica mais de 150 mil hóstias por semana. Elas estavam estocadas na capela do Santíssimo. E eram feitas com a melhor farinha de trigo.

Não foi difícil invadir, tarde de noite, a capela do Santíssimo em Aparecida. Entrei e enchi a enorme mala que carregava com hóstias e a mala ficou tão pesada que eu mal aguentava carregá-la.

Continuo indo a várias missas todos os domingos e comungando em cada uma delas, é claro.

No meio da semana como três ou quatro hóstias da mala que enchi em Aparecida. Mas sou econômico em relação às hóstias. Conforme os ensinamentos da Santa Madre Igreja, economia, uma palavra de origem grega, significa o uso prudente das coisas, incluindo alimentos.

Minhas hóstias de Aparecida vão durar muito tempo.

FAZER AS PESSOAS RIREM E SE SENTIREM FELIZES

Não gosto que saibam o que eu faço. Mesmo trabalhando disfarçado morro de medo de que um dia alguém me veja na rua e grite "é ele, é ele".

Não sei fazer mais nada e isso que eu faço aprendi com o meu pai. Ele morreu. Mas algum tempo antes de morrer ele ficou louco. Mesmo assim continuou trabalhando e ninguém percebia. Ele entrava no meu quarto e perguntava "quem é você?".

Eu o vestia para ele ir trabalhar. Nós íamos juntos, trabalhávamos no mesmo lugar. Ele trabalhou destrambelhado mais de um ano. Eu dizia "vamos", e ele me seguia como um sonâmbulo. Eu vestia a roupa nele, colocava o nariz, pintava onde tinha que pintar, pensativo, mas não sei o que ele pensava, ou se pensava, quem é que sabe o que se passa na cabeça de um maluco? Mas assim que entrava no picadeiro ele olhava as arquibancadas e mesmo se elas estivessem vazias despertava e logo começava a realizar as palhaçadas em que era um mestre. Um filósofo ou alguém parecido com um filósofo disse que o trabalho tudo vence, e eu acredito nisso, que o trabalho faz bem, principalmente se você é maluco. Ele estava muito gordo, é bom o palhaço ser gordo, o gordo é engraçado, o magro causa tristeza. Mas ele não morreu da cabeça. Morreu do coração. Maluco não morre, a cabeça é forte. Está tudo na cabeça, até a nossa alma. O coração é fraco.

Passei a usar as coisas dele no trabalho. As calças, o camisolão, os suspensórios, os sapatos. O nariz não, o nariz eu usava o meu mesmo. O meu era mais novo, mais vermelho, mais redondo. Meu pai quando eu comecei dizia: "Nós temos que ser líricos, sabe o que é lírico, ópera lírica? A cantora da ópera é sempre uma gorda, canta coisas sentimentais, entendeu? É isso que nós temos que ser, líricos, e além disso bobos, e engraçados, mas não somos engraçados como os anões, os nanicos são anormais, nem somos iguais à mulher barbada, nós somos cômicos, fazemos as pessoas rirem e se sentirem felizes."

Que pessoas? Cada vez vinha menos gente assistir ao espetáculo. Parece que isso acontece no mundo inteiro, as pessoas veem o circo pela televisão. Eu me lembro de quando era pequeno e meu pai me levou para ver um circo alemão chamado Sarrasani. A arquibancada estava lotada e isso acontecia todos os dias. O circo tinha um domador de elefantes, um domador de leão, muitos bichos, creio que até um urso, mulheres quase nuas que ficavam em pé sobre cavalos que corriam, um sujeito que engolia fogo, malabaristas de todos os tipos, equilibristas, coisas incríveis. Lembro que meu pai apontou para um dos palhaços e disse "eu sou melhor do que esse cara".

Meu pai era bom, mas foi ficando velho e costumava dizer "os velhos sabem mas não podem, os jovens podem mas não sabem". Ele já não conseguia fazer certos movimentos que nós palhaços temos que fazer, e foi ficando triste, palhaço finge que é triste, mas não pode ser triste.

No circo em que eu trabalhava o único animal que se exibia era um cachorro que andava nas duas patinhas de trás, só isso; tinha um casal que fazia acrobacias, um mágico, um anão corcunda e dois palhaços, eu e o meu pai. O circo era armado nos subúrbios mais pobres da cidade e as arquibancadas ficavam vazias, cada vez mais vazias. Todo mundo tem televisão em casa, até os pés-rapados.

Então um dia cheguei em casa e a minha mulher tinha ido embora.

Deixou um bilhete, a letra dela era horrível, mas deu para ler qualquer coisa como estar indo embora, aproveitar a carona de um amigo, ir para bem longe.

Meu pai contava que antigamente ele gritava no circo:

“O palhaço o que é?”

E todos respondiam gritando:

“É ladrão de muié.” Era assim que eles gritavam, *muié* em vez de *mulher*.

Minha mulher me deixou, o circo fechou, não consegui lugar de palhaço em nenhum outro lugar. Eu não era um palhaço muito bom, não era engraçado como o meu pai, que até maluco fazia as pessoas rirem. Na verdade o circo tinha acabado, ou tinha ido para a televisão.

Eu precisava arranjar um trabalho, senão ia morrer de fome. Felizmente arranjei um emprego de porteiro noturno.

Era um prédio pequeno, habitado só por gente velha. Eu podia dormir a noite toda, deitado num colchonete que levava dobrado numa saca. Era um emprego bom e os velhotes e as velhotas gostavam de mim.

Engraçado, tem mais mulher velha que homem velho. Por que será?

Direção editorial
Daniele Cajueiro

Editora responsável
Maria Cristina Antonio Jeronimo

Produção editorial
Adriana Torres
Pedro Staite

Revisão
Ângelo Lessa
Rachel Rimas

Diagramação
Filigrana

Capa
Retina 78

Produção de ebook
Mariana Mello e Souza